

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“FALA QUE NEM HOMEM”: GÊNERO, PODER E  
HONRA EM UM CANTEIRO DE OBRAS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Daniela Romcy**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2013**

# “FALA QUE NEM HOMEM”: GÊNERO, PODER E HONRA EM UM CANTEIRO DE OBRAS

**Daniela Romcy**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências Sociais, Área de Concentração em Cultura e Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito final para a obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>. Jurema G. Brites**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2013**



**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora assina  
a Dissertação de Mestrado

**“FALA QUE NEM HOMEM”: GÊNERO, PODER E HONRA EM UM  
CANTEIRO DE OBRAS**

elaborada por  
**Daniela Romcy**

como requisito final para a obtenção do título de mestre em Ciências  
Sociais

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Profª. Drª. Jurema G. Brites  
(Presidente/Orientadora)**

**Profª. Drª. Maria Clara Mocelli - UFSM**

**Profª. Drª. Flávia de Mattos Motta - UDESC**

Santa Maria, 11 de outubro de 2013.

**Para minha mãe, minha mais profunda admiração, você me dá força, colo e coragem para seguir em frente. E para a Suby que me ensina a cada amanhecer o significado do verbo amar.**

## Agradecimentos

Tenho sorte de dizer que este trabalho não foi construído apenas pelas minhas mãos, nem por apenas um só olhar, mas por um emaranhado de sorrisos ou de caras feias, de brigas e arrependimentos, de gargalhadas e perseveranças. Portanto, eu sou "só agradecimentos". Sei também que são muitos obrigados/as, mas acho importante demonstrar de alguma forma o quanto esse grupo de pessoas foi e é importante pra mim.

No redemoinho de sentimentos que vivenciei neste período, como não agradecer a minha paciente orientadora, sempre minha amiga, que me apoiou em todos os momentos, quase sempre lutando contra a correnteza de prazos e avalanches de cobranças que sofremos em um curso de pós-graduação. Por isso, Jurema Brites, por entenderes que não somos máquinas de produção, mas seres humanos em busca de aprendizado, o meu sincero obrigada.

Obrigada amor, por estes cinco anos de companheirismo, admiração, doação e paciência. Nada disso seria possível sem você ao meu lado. Você continua a ser o motivo do meu sorrir, a minha metade alegre. Responsável pelos melhores e piores momentos da minha vida. O final desta nova trajetória é um outro importante passo para a constituição de um "nós".

Sou imensamente grata a minha família, ao Seu Antônio e a Dona Carla, meus queridos e amados pais. Às minhas lindas irmãs Camila e Fabiana eternas amigas, cada uma ao seu modo me ajudou imensamente neste meu percurso. Aos meus avós, meus tesouros: vó Santa, vô Ernani e vó Elzira. Às Dindinhas do meu coração: Ana Cláudia e Lúcia. Eu sou uma pessoa afortunada por ter vocês na minha vida.

Obrigada também Gabi, por ter uma parte importante neste trabalho e nesta minha trajetória de conhecimento, pelas trocas e discussões acadêmicas que travávamos entre um chimarrão e outro, sou grata pela amizade que construímos.

Obrigada às minhas amigas de graduação, as "poias": Tainá, Graci, Juci e Rebeca simplesmente por serem minhas amigas e fazerem parte da minha vida. Obrigada também à família que eu construí no ano de 2012, aos meus guris, que

não posso enumerar, pois são tantos e tão especiais, saibam que não largaremos vocês nunca mais.

À Ana Paula porque sei que serei sempre teu bebê, podemos ficar séculos distantes, mas eu sempre te amarei e sentirei orgulho de ter convivido contigo e sei que é recíproco. À Patita, obrigada por existir desde o tempo em que morávamos na casa do estudante até nosso momento “ricas” quando fomos morar no centro da cidade, em casas diferentes, mas sem nunca perdermos o contato e a admiração mútua.

À Pamela, amiga por tabela, que aprendi a respeitar e admirar ao longo destes três anos. E a Vanessa/boi que conheci este ano, companheira de cafés e cigarros em POA. Às meninas do CEME/UFRGS, que me acolheram de braços abertos, como adendo.

E obrigada a toda e qualquer pessoa que eu tenha deixado sem querer de mencionar, mas que estarão sempre comigo onde quer que eu vá.

Agradeço muito à empresa e ao grupo por mim pesquisado, sem os quais eu não teria realizado este trabalho.

Obrigada ao programa de Pós-graduação em Ciências Sociais de Santa Maria, na figura do Coordenador Prof. Dr. Francis Morais de Almeida pela confiança depositada no meu trabalho, tenho orgulho de ter construído minha trajetória acadêmica nesta Universidade. E um agradecimento merecido para sempre competente e atenciosa, mais do que secretária: Jane. Agradeço também a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que possibilitou a minha permanência neste curso de pós-graduação, através da concessão de bolsa de pesquisa. E agradeço a todos os professores e professoras que de alguma forma ajudaram a construir este trabalho ou por terem me acolhido em algum momento deste percurso.

E por último, um agradecimento também à banca de avaliação da qualificação e também da dissertação final por aceitarem embarcar comigo nesse “rito de passagem” importantíssimo da vida acadêmica.

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

(Viagem a Portugal - José Saramago)

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade Federal de Santa Maria

### **“FALA QUE NEM HOMEM”: GÊNERO, PODER E HONRA EM UM CANTEIRO DE OBRAS**

AUTORA: DANIELA ROMCY

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> JUREMA GORSKI BRITES

Local e Data de Defesa: Santa Maria, 11 de outubro de 2013

Este trabalho tem por objetivo entender as hierarquias no trabalho, as diferenças sociais e as estratégias de interação na sociabilidade de pedreiros chefiados por mulheres, quando há uma inversão das tradicionais hierarquias de poder nestas relações *geradas*. Esse trabalho foi realizado a partir do método etnográfico, durante seis semanas de imersão em campo. O local escolhido para a pesquisa foi uma obra de reforma em um estabelecimento comercial, numa cidade de médio porte, do interior do Rio Grande do Sul. O lócus privilegiado da pesquisa se deu na medida em que a construção civil ainda é um ambiente marcadamente masculino, mas que, vem aos poucos, aumentando o contingente de mulheres nos cargos de engenheiras, pintoras, pedreiras. Para a análise do objeto, utilizo os aportes teóricos de gênero e das relações de gênero, assim como, os trabalhos sobre masculinidades e o referencial da antropologia. Ser homem ou ser mulher —, atrelado a outros marcadores sociais — em um canteiro de obras defini *a priori* um contexto social de interação, tanto das relações homem-homem, quando das relações homem-mulher. As construções das masculinidades e das feminilidades perpassam o conceito de honra que aparece atrelado aos conceitos de jogos verbais, hierarquias de poder, e relações de mando.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Masculinidades, Construção Civil.

## ABSTRACT

Master's Dissertation  
Graduate Program in Social Sciences  
Federal University of de Santa Maria

# **“SPEAK LIKE A MAN”: GENDER, POWER AND HONOR IN BUILDING CONSTRUCTION**

AUTHOR: DANIELA ROMCY

ADVISOR: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> JUREMA GORSKI BRITES

Place and date of defense: Santa Maria, October 11<sup>th</sup>, 2013

This paper has as objective the understanding of hierarchies of work, social differences and interaction strategies in the sociability of masonry bossed by women, when there is the inversion of the traditional power hierarchies in these relationships. The privileged locus of the research developed itself because civil construction is still an environment marked as “of” and “for” men. This paper was built based on an ethnographic method, during six weeks of field immersion in a renovation construction work that took place in a commercial point, localized in a countryside city of Rio Grande do Sul. For object analysis, I use help from gender theorists and relationships, as well as papers about masculinity and anthropologic referential. Being a man or woman -, bounded to other social markers – on a construction field defines a social interaction context priori, as much in man-man relations as in man-woman relations. The construction of masculinity and femininity pass by the concept of honor that appears bounded to the concepts of verbal games, power hierarchies and authority relationships.

Keywords: Gender Relationships, Masculinity, Civil Construction

## ÍNDICE DE TABELAS

TABELA A – Nomes e funções dos principais informantes citados na dissertação.....	103
---	-----

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa dos fundos do estabelecimento comercial.....	61
FIGURA 2 – Mapa da “casa masculina”.....	67
FIGURA 3 – Mapa das hierarquias de trabalho.....	83



# SUMÁRIO

<b><u>APRESENTAÇÃO .....</u></b>	<b><u>15</u></b>
<b><u>1 ALICERCES TEÓRICOS PRA PENSAR GÊNERO E MASCULINIDADE .....</u></b>	<b><u>22</u></b>
1.1 UM BREVE TÓPICO SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO .....	22
1.2 A DOMINAÇÃO MASCULINA E SUAS CRÍTICAS.....	27
1.3 ALGUMAS FORMAS DE PENSAR A MASCULINIDADE .....	30
1.3.1 MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNAS .....	31
1.3.3 HOMENS E MASCULINIDADES COMO CONSTRUÇÕES DE GÊNERO.....	36
<b><u>2 ENTRE O OBJETO, O MÉTODO E A ETNOGRAFIA .....</u></b>	<b><u>39</u></b>
2.1 A DOR DA ETNOGRAFIA.....	39
2.2 SOBRE QUESTÕES ÉTICAS .....	43
2.3 NEGOCIAÇÕES PESQUISADORA - PESQUISADO/A.....	46
2.4 FAZENDO ETNOGRAFIA NUM CANTEIRO DE OBRAS.....	49
<b><u>3 TIJOLO POR TIJOLO: APRESENTANDO O CAMPO .....</u></b>	<b><u>51</u></b>
3.1 O PRIMEIRO CONTATO COM A ENGENHEIRA .....	51
3.2 AS “OUTRAS” MULHERES DA CONSTRUÇÃO .....	53
3.3 DESCRIÇÃO DAS PERSONAGENS, LUGARES E ESPAÇOS.....	59
3.4 ROTINA DA OBRA.....	64
<b><u>4. A CASA MASCULINA .....</u></b>	<b><u>66</u></b>
4.1 DESCREVENDO OS ESPAÇOS, LUGARES E CONTEXTOS .....	66
4.2 HORA DA “BÓIA”: MAIS DO QUE UMA REFEIÇÃO, MOMENTOS DE LAZER E DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS .....	71
<b><u>5. ‘FALA QUE NEM HOMEM’: JOGOS VERBAIS, MASCULINIDADES, SUAS TONALIDADES E CORES.....</u></b>	<b><u>76</u></b>

5.1 ENTRE JOCOSIDADES E JOGOS VERBAIS .....	76
5.2 'O CARA NÃO APITA NADA' OU SOBRE COMO MANDAM OS GÊNEROS: RELAÇÕES E HIERARQUIAS.....	83
5.3 MASCULINIDADES E JOGOS: O QUE A HONRA TEM A VER COM ISSO? .....	89
5.4. DE VOLTA AO COMEÇO: ENTRE O CASAMENTO E O EMPREGO:.....	92
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</u></b>	<b><u>96</u></b>
<b><u>REFERÊNCIAS.....</u></b>	<b><u>99</u></b>

## APRESENTAÇÃO

A temática de gênero me acompanha desde os tempos de graduação em ciências sociais, quando comecei a fazer parte, em 2008, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gênero e Saúde (GEPACS<sup>1</sup>) como bolsista voluntária. O GEPACS foi criado pela Professora Dr<sup>a</sup> Zulmira Newlands Borges e foi instituído como grupo de pesquisa em 2002, embora sua atuação no curso de ciências sociais na Universidade Federal de Santa Maria seja anterior a este ano. Neste período, a temática principal do grupo era antropologia e saúde e os trabalhos sobre gênero tinham um enfoque na sexualidade<sup>2</sup>. Por isso, minha inserção em pesquisas no grupo foi na segunda temática: gênero na sua interface com a sexualidade, produzindo uma monografia intitulada “O Grupo Igualdade, uma experiência etnográfica” (ROMCY, 2010).

Com a chegada da professora Jurema Brites ao grupo, outras dimensões de gênero foram se somando a minha formação, aprendidas em duas disciplinas: “Organização Social, Família e Classe no Brasil” e outra sobre teorias do gênero e dominação, “Família, Gênero e Sexualidade”, que participei como ouvinte no mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Essas disciplinas fizeram-me pensar em construções *geradas* em termos de classe, mercado e relações de trabalho, para além da sexualidade.

Nesse percurso compreendi, por exemplo, que os dilemas que acompanhavam minha informante travesti não se resumiam à questões de sexualidade, mas à disputas em um campo de recursos no município, em que a questão da diversidade sexual era um elemento tão importante quanto as imposições do mundo letrado para obtenção de recursos do Estado.

<sup>1</sup> O GEPACS foi criado pela Professora Dr<sup>a</sup> Zulmira Newlands Borges e foi instituído como grupo de pesquisa em 2002, embora sua atuação no Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria seja anterior a 2002. Inicialmente o grupo era nominado como Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde. Em 2012, passou a se chamar Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gênero e Saúde.

<sup>2</sup> Como monografias sobre a temática da sexualidade, cito dois trabalhos: Passamani, Guilherme Rodrigues. Na batida da concha: um olhar antropológico sobre a homossexualidade no interior do Rio Grande do Sul. 2005. E Meinerz, Nádia. Do sagrado ao profano: um estudo sobre sexualidade com jovens quadrangulares. 2003. Ambos orientados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zulmira Newlands Borges.

Do mesmo modo, em uma aula, a professora listou uma série de questões de investigação que supunha reveladoras do imbricamento gênero e classe na sociedade atual e suas transformações entre elas para compreender, por exemplo, as relações que se estabelecem a partir das novas configurações do mercado de trabalho entre mulheres empoderadas e homens que, na sua própria classe social, assumem um discurso como dominante, mas nas relações de trabalho assumem uma posição subalterna. Um exemplo dessas relações pode ser observado em canteiros de obras chefiadas por engenheiras ou arquitetas tendo pedreiros, como seus subalternos.

Suas provocações vieram ao encontro das minhas dúvidas, questões e desejos de compreensão e também de um certo desconforto que me acompanhava desde os tempos de graduação: as teorias clássicas feministas, como os *women's studies*. Os *women's studies* surgiram nos Estados Unidos na década de 60 e na academia foram influenciados pelo movimento feminista, em um contexto histórico de afloramento de vários outros movimentos sociais. Estes estudos procuravam revelar a dominação masculina a fim de proporcionar uma sociedade mais igualitária entre os sexos (FONSECA, 1997). Estas teorias, mesmo que partissem de perspectivas mais relacionais, deixavam de lado os homens e a temática da masculinidade, embora entendessem que o gênero se dava na interação, o ponto de vista dos homens era pouco mencionado. Isso me fez procurar leituras sobre masculinidades, passando a entender que, ao mesmo tempo em que as teorias feministas e de gênero não olhavam tanto para os homens e para a masculinidade, os primeiros teóricos sobre masculinidade, através dos *men's studies*<sup>3</sup>, elencavam os homens como objetos primordiais de seu olhar.

Ao mesmo tempo, no meu cotidiano universitário, ficava curiosa com certos homens em particular que trabalhavam, conversavam e se divertiam enquanto construía prédios na Universidade Federal de Santa Maria. Sempre depois do almoço, os via correndo atrás de uma bola de futebol e ficava pensando: como estes sujeitos conseguem trabalhar embaixo de sol árduo e no seu tempo de descanso, em vez de sentar embaixo de uma árvore, na sombra, preferiam jogar futebol? Obviamente, eu não entendia a lógica deles e isso também me intrigava.

---

<sup>3</sup> Retomarei os *man's studies* de forma mais detalhada retornarei a esse tópico ao falar de algumas teorias sobre as masculinidades no capítulo 1.

Foi a partir dos meus incômodos, somados às leituras sobre o mundo de patroas e empregadas em Suely Kofes (2001) e Jurema Brites (2000), que emergiram questões sobre as relações hierárquicas no mundo do trabalho marcado por relações intragênero. Como poderia ser pensado um espaço de trabalho em que os homens eram chefiados por mulheres, ou seja, quando o subordinado fosse o homem? A partir desta provocação, comecei a construir, aos poucos, um campo possível de estudos e uma forma de pensar estas relações no campo da construção civil. Ou seja, se o objetivo das pesquisadoras citadas era entender as relações estabelecidas entre patroas e suas empregadas domésticas, relações hierárquicas intragênero, a questão desta pesquisa insere-se nesta mesma linha de raciocínio, mas buscando entender relações intergênero, entre homens chefiados por mulheres. Portanto, a questão norteadora é **como se dão, empiricamente, as hierarquias no trabalho, as diferenças sociais e as estratégias de interação, na sociabilidade destes homens pedreiros chefiados por mulheres, quando há uma inversão das tradicionais hierarquias de gênero.**

Quando falo em hierarquias do trabalho me refiro ao pensamento dos espaços tradicionais de trabalho no qual as mulheres, em geral, é destinado o espaço doméstico. Mesmo quando ela está no mercado de trabalho elas ocupam cargos subalternos ou feminilizados; como exemplo, podemos citar as professoras ou mesmo as trabalhadoras domésticas.

Roberto DaMatta(1987) utiliza os espaços da Casa e da Rua como metáforas para entender as relações na sociedade brasileira, sendo estes conceitos grandes “esferas da ação social”. Segundo o autor, o espaço da casa é por característica o espaço da subalternidade e o seu contrário, a rua, é o espaço do dominante. Os primeiros estudos feministas buscavam elucidar a subalternidade feminina a partir do espaço social da casa, do âmbito privado e relacionada à domesticidade. Seguindo a lógica de DaMatta, se o espaço da rua, do trabalho remunerado, da vida pública é do dominante, logo quem se projeta nestes espaços é dominante também, ou seja, os homens. Então serão justamente eles o foco desta análise, mas, inversamente a esta linha de raciocínio, a iniciativa será problematizar estes homens em trabalhos subalternos quanto estes têm uma mulher os chefiando.

Os trabalhos iniciais no Brasil sobre as mulheres no mercado de trabalho buscavam denunciar e criticar as pesquisas sobre a temática que tomavam o gênero

como passível de algum tipo de elaboração teórica, assim o intuito das primeiras pesquisadoras, era mostrar que as mulheres também estavam nestes contextos de trabalho nas fábricas e que elas eram invisibilizadas<sup>4</sup>. (BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira Costa, 1992).

Poucos são os trabalhos que abordam de maneira específica as condições da construção da masculinidade e das relações estabelecidas entre homens e mulheres no campo do trabalho onde o subalterno é o masculino, pelo menos na questão econômica e social. Entretanto, Cristina Bruschini (1999; 2007) realizou algumas pesquisas sobre as ocupações profissionais femininas que possuem algum prestígio na nossa sociedade, tais como engenharia, direito, arquitetura e medicina. Em sua pesquisa, realizada com dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) entre os anos de 1993 a 2004, a autora aponta um crescente aumento no campo de trabalho feminino no Brasil. Na Magistratura, por exemplo, as mulheres ocupavam 22,5% dos postos de trabalho; em 1993 e em 2004 este índice chega a 34%. Na arquitetura elas ocupavam, em 2004, 54% de mão de obra feminina, ou seja, há mais mulheres no mercado de trabalho do que homens. Entretanto, no caso das engenharias, as mulheres ocupavam 12% dos cargos disponíveis em 1993 e esse índice cresceu apenas para 14% em 2004. Se comparada a outras ocupações, a carreira da engenharia é a que menos cresceu em termos de mão de obra feminina, indicando o quanto este universo é pouco permeável às tendências de feminilização do trabalho.

Segundo Bruschini (2007), há algumas diferenças e semelhanças entre homens e mulheres nestas profissões por ela analisadas. Como, por exemplo, que as mulheres são mais jovens do que seus colegas e permanecem no emprego menos tempo que os homens. Na magistratura, por exemplo, há uma tendência a que as mulheres trabalhem mais no setor público, o que não se verifica nas outras profissões. Com relação ao tamanho do estabelecimento e as jornadas de trabalho, há uma semelhança entre os gêneros.

Sua conclusão é a de que - apesar do aumento das mulheres nestes mercados de trabalhos de prestígio na nossa sociedade repete-se o padrão de gênero presente em todo o mercado de trabalho. Um dos exemplos apontados pela

---

<sup>4</sup> Sobre mulheres, feminismo e o mundo do trabalho ler a coletânea: Uma Questão de Gênero de 1992, organizado por Albertina Costa e Cristina Bruschini.

autora se refere à questão salarial, já que as mulheres ainda recebiam menos do que os homens.

No caso das engenharias, a presença feminina altera-se significativamente considerando as especialidades e o local em que os profissionais irão desempenhar as suas atividades. Por exemplo, nos trabalhos de implantação de infraestrutura, a céu aberto, a presença de mulheres ainda é pequena, como diferentemente observado nas atividades de industrialização realizadas em espaços fechados.

Cabe lembrar que esta pesquisa se deu em um grande centro urbano e que esta configuração toma outras proporções quando se pesquisa em outras regiões. Significando que se o índice de aumento de mulheres engenheiras em São Paulo, lugar da pesquisa citada, foi de 2%, isso não quer dizer que o mesmo ocorra em outras cidades; nem que estas inserções profissionais se deem de formas semelhantes.

Um dado observado em minha pesquisa foi a dificuldade em encontrar engenheiras no mercado de trabalho da cidade estudada, pois esse mercado continua sendo majoritariamente masculino. Quando as encontrava, o espaço de inserção era diferenciado, pois a maioria trabalhava nos setores administrativos ou de criação de projetos das construtoras. Ficavam envolvidas na elaboração de projetos, dificilmente acompanhavam o processo de execução da obra.

Partindo das reflexões da autora, perguntava-me ingenuamente se haveria, talvez, uma dominação feminina nestes contextos de trabalho ou, como poderia se pensar, os lugares onde as mulheres eram de certa forma “dominantes”, principalmente no âmbito do mundo do trabalho, que até pouco tempo atrás eram sido nichos masculinos e principal espaço social da produção da identidade masculina (GROSSI, 1995). Ingenuamente porque, em um momento inicial, quando na elaboração do esboço do projeto, acreditava ser possível encontrar essas configurações de trabalho sem maiores complicações, especialmente diante do contexto evidenciado no parágrafo anterior. Entretanto, as dificuldades de encontrar locais que tivessem relações de trabalho em que os trabalhadores deveriam se reportar a uma engenheira mulher fizeram colocar novos olhares ao objeto.

A ideia inicial era pensar como se relacionavam homens quando estes tinham como chefe uma mulher, no caso a engenheira. Pois bem, uma das primeiras coisas que percebi em campo foi que essa relação pouco existia na realidade. Pois a

construção civil é extremamente hierarquizada em termos de relações de gênero e de categorias profissionais. Entre a relação de trabalho da engenheira com os pedreiros, no caso que investiguei, havia outras pessoas – homens como os mestres de obras, os responsáveis pela hidráulica, elétrica, além do responsável pela contratação dos pedreiros locais – que intermediavam as relações entre a engenheira responsável pela obra e seus subalternos.

Do mesmo modo, busco explorar as condições criadas pela ascensão feminina no trabalho, propondo-me a pensar as relações entre homens e mulheres que trabalham na construção civil. Além disso, estava preocupada em pensar como os homens tentam reconstruir sua masculinidade em outros termos a partir desses novos parâmetros, como no contexto da obra na qual estive investigando onde havia de certa forma uma inversão das relações de poder entre homens e mulheres.

Esse percurso de reflexões sobre estes sujeitos, aliado às leituras sobre masculinidade, gênero e feminismo, foram delineando a realização do projeto de pesquisa. Um caminho repleto de dúvidas e perguntas que foram elucidadas, em parte, através da etnografia. Outras ainda persistem, pois nenhuma pesquisa dá conta de responder a todas as perguntas que são feitas. Além do mais, o fazer etnográfico suscita em campo outras perguntas que nem foram pensadas, o que dificulta ainda mais o processo de escolha do que será ou não analisado.

Neste trabalho apresentarei este percurso inicial principalmente nos dois primeiros capítulos. Optei por começar retomando os estudos sobre masculinidades, pois foram importantes para dar corpo e organizar as formas como construí os capítulos a partir deles, ou seja, eles foram os pontos de partida de onde iniciei minha pesquisa.

Se o primeiro capítulo teórico sobre as masculinidades foi fundamental, o segundo capítulo foi significativo para pensar a etnografia como método de análise. Esboço, portanto, porque escolhi a etnografia como metodologia de pesquisa, e os aspectos éticos que envolvem esta escolha. Assim como apresento de forma introdutória o meu objeto.

No terceiro capítulo começo as descrições, a minha inserção no campo, os contatos iniciais, os locais de trabalho e o espaço onde realizei a pesquisa. Menciono meu primeiro contato com a engenheira, apresento “as outras” mulheres

da obra e seus espaços de trabalho, assim como descrevo também os espaços e lugares e os outros informantes que estiveram envolvidos neste trabalho.

O Quarto capítulo é responsável pela apresentação do que denominei como “casa masculina”, que foi um importante espaço de observação, de construção e aprendizagem do que é a masculinidade para aqueles homens.

No Quinto e último capítulo, apresento os relatos importantes para pensar as masculinidades e feminilidades naquele espaço. Os jogos verbais, as brincadeiras, como se davam as hierarquias de mando e os relacionamentos entre estes sujeitos. E em como o conceito de honra está atrelado a todos estes aspectos, referidos acima, como os jogos verbais, as brincadeiras e as relações de mando.

Pude perceber que havia uma lógica diferente na forma como homens e mulheres davam ordens na obra que analisei. Fabiana, a engenheira, conseguia ler de forma clara as regras na qual deveria se portar para que sua autoridade fosse respeitada. Assim a sua leitura de como uma mulher devia se portar em um canteiro de obras, foi fundamental, pois naquele espaço qualquer mulher mesmo que em um cargo de chefia deveria portar todos os atributos que caracterizam as mulheres, como delicadeza e voz comedida.

Para finalizar cabe ressaltar que apesar do texto ser escrito em primeira pessoa e do trabalho ser autoral, grande parte das conclusões, reflexões e análises foram produzidos em conjunto com a pesquisadora Gabriela Maia. Foi com os diálogos que travávamos em reuniões semanais, como se fosse uma co-orientação que possibilitou o término da dissertação. Antes de achar que o trabalho foi comprometido com essa “ajuda”, concluo que ela foi e continua sendo essencial para o sucesso deste empreendimento.

# 1 ALICERCES TEÓRICOS PRA PENSAR A MASCULINIDADE

Antes de apresentar a masculinidade como constructo teórico, precisa-se fazer referência às autoras que anteriormente pensaram o conceito de gênero, pois foi a partir dos estudos feministas que se tornou possível refletir sobre as masculinidades. Estou pensando aqui especialmente nas obras de Margaret Mead (2006), Rubin (1986), Joan Scott (1985), e Judith Butler (2003).

Posteriormente a essa retrospectiva feminista continuo refletindo sobre os autores e textos que foram o ponto de partida para pensar a masculinidade e para pensar o objeto de pesquisa. Começo pelo conceito de dominação masculina em Pierre Bourdieu (2010), passando pelos conceitos de masculinidades hegemônicas em Michael Kimmel (2009), Robert/Raewyn Connell<sup>5</sup> (1995; 1997) e Miguel Vale de Almeida (1995a; 1995b; 1996). E por último procuro analisar de que modo as masculinidades são produtos das teorias feministas, a partir de um artigo de Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008). Tanto as teorias feministas quanto as masculinidades e o gênero não devem ser tomados como unidades separadas.

## 1.1 Um breve tópico sobre o conceito de gênero

As teorias de gênero foram importantes na construção desta pesquisa. A dificuldade em traçar um histórico sobre estas teorias se dá, em grande medida, pela não univocidade dos trabalhos sobre a temática. Portanto, serão apresentadas algumas autoras que considero importantes para delimitar o percurso de forma didática, incorrendo no equivoco deliberado de deixar algumas outras, igualmente importantes de fora, mas a ideia aqui é não me ater demasiadamente nessas

---

<sup>5</sup>Raewyn Connell é uma socióloga australiana e aparece nas referências como Robert, pois inicialmente, quando se tornou uma referência nos estudos sobre masculinidades, era este o seu nome. Entretanto ao longo do seu percurso intelectual ela deixou de ser homem e se tornou uma mulher transexual adotando o nome de Raewyn. Nesta dissertação a autora será referenciada como Robert, em razão das edições aqui utilizadas serem assinadas com o nome Robert Connell.

teorias, muito menos fazer uma revisão exaustiva sobre os trabalhos já produzidos até então. Antes, o objetivo deste capítulo é o de construir um pequeno panorama que fez sentido para eu pensasse o gênero como categoria importante neste trabalho e posteriormente poder entender as masculinidades dentro deste cenário.

Como um dos trabalhos inaugurais para pensar as relações de gênero na antropologia, podemos citar os estudos de Mead nos livros *Sexo e Temperamento* (2006) e *Adolescência, Sexo y Cultura en Samoa* (1985), ainda que estes estudos não possam receber a alcunha de estudos de gênero. Nesses trabalhos, principalmente em *Sexo e Temperamento*, a autora mostrará que as características sociais que imputamos a homens e à mulheres, na verdade, são construídos socialmente. O que a autora queria mostrar, a partir de três comunidades tribais, era a desconstrução da idéia, essencializada na nossa sociedade, de que homens e mulheres deveriam seguir padrões inatos de comportamento generados. Ou seja, se naquele período atrelávamos a delicadeza à mulher e ao universo feminino, e ao homem à agressividade ao mundo masculino – pensamento que ainda tem resquício no universo do senso comum e que pode ser visualizado empiricamente em minha pesquisa –, Mead nos mostra, em uma pesquisa transcultural, como aprendemos através da educação a exercer um determinado modelo de comportamento. Com a autora, aprendemos que gênero não está preso à biologia e que ele tem formas diversas de expressar as identidades sexuais.

Esse debate inaugurado por Mead, ainda que significativo, não questiona e nem problematiza a dicotomia entre natureza/cultura, homem/mulher. Já nos anos 80/90, as teóricas do campo dos estudos de gênero vão nos mostrando cada vez mais a pluralidade que o gênero assume no campo das representações, contrastada com as formulações que criam essas dicotomias reproduzidas a partir da visão acerca do dimorfismo sexual homem X mulher. Essa discussão ganha novos contornos com os debates inaugurados por Scott e Butler, em que essas autoras, de certa forma, irão radicalizar e questionar como essas dicotomias são produzidas em nossa sociedade. Mas, para compreendermos o percurso intelectual dessas teóricas é necessário apresentar uma autora, Rubin, referência fundamental para os estudos feministas, que possibilitou o avanço teórico no campo dos estudos de gênero, ainda que não tenha rompido com as oposições binárias. Ela se destaca ao mostrar indícios e caminhos para o posterior desenvolvimento do conceito de gênero.

Se em Mead o conceito de gênero ainda não aparece é em 1975 com Rubin, no ensaio, *El tráfico de mujeres: notas sobre a “economía política” del sexo*, que o termo é introduzido nos estudos feministas. Neste texto, ela procura à luz de autores como Marx, Lévi-Strauss e Freud explicar a opressão das mulheres a partir do sistema “sexo e gênero”. Que em suas palavras são:

es el conjunto de disposiciones por el que una sociedad transforma la sexualidad biológica em productos de la actividad humana, y em el qual se satisfacen las necesidades humanas transformadas<sup>6</sup> (RUBIN, 1986, p.97)

Neste sentido, o gênero seria uma produção cultural num corpo sexuado, sendo “a cultura sobreposta à natureza”, para produzir um arranjo social no qual pudesse ser possível criar alianças a partir do casamento (PISCITELLI, 2003). E é neste contexto do parentesco que se dá a dominação masculina, pois são as mulheres que são trocadas a fim de estabelecer estas relações de estabilidade social e complementaridade dos sexos. O sistema sexo-gênero, portanto, consiste em uma gramática, segundo a qual a sexualidade humana é transformada pela atividade humana.

Segundo Adriana Piscitelli (2003), a autora Rubin foi de central importância para o debate feminista quando propôs pensar as mulheres como construções sociais a partir da totalidade dos sistemas culturais, diferenciando-se dos trabalhos feministas que delimitavam as análises especificamente às mulheres ignorando este contexto mais amplo dos sistemas culturais. Ao mesmo tempo, mostrou como o sistema sexo-gênero se configura como produtor das relações de poder e também em como as categorias científicas estão atreladas a esse sistema.

Butler (2003) dá continuidade às percepções de Rubin (1986), na medida em que questiona as raízes epistemológicas das distinções sexo/gênero, afirmando que gênero é uma produção disciplinar geradora de falsas estabilizações que interessam a uma heterossexualidade compulsória e regulam a sexualidade no domínio reprodutivo. As construções de gênero, para Butler (2003), acabam por se tornar unidades coerentes, a questão é questionar essas relações que tornam estas construções duais como naturais e estáveis, nas quais o gênero advém do sexo que produz um desejo sempre heterossexual. Sua preocupação é refletir sobre como foi

<sup>6</sup> “conjunto de disposições através do qual uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades transformadas são satisfeitas” tradução livre da autora.

naturalizado a dualidade sexual produzida por diferentes instituições, já que para ela assim como o gênero, o sexo também é uma categoria construída socialmente.

As descontinuidades do gênero acabariam com essa relação causal entre gênero e sexualidade e teriam lugar nos diversos contextos sociais. Pensado assim, o gênero não seria simplesmente a inscrição cultural em um corpo sexuado, pois o próprio sexo esta no discurso. O gênero seria então:

uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonada [...], tratar-se-á de uma assembléia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor. (BUTLER, 2003, p. 37)

Pois, esse *telos* normativo e definidor teria o efeito de uma substância, concebidos por atos e gestos reiterados cotidianamente nos corpos. Estes atos e gestos seriam “performáticos”, essencializando as identidades, “o gênero poderia ser considerado como um “ato” intencional e, ao mesmo tempo, “performático”, no sentido de construção dramática e contingente de significado” (Piscitelli, 2003, p. 15/16).

Seguindo a mesma linha de discussão sobre as oposições binárias, a historiadora americana Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* de 1985, define e enfatiza o caráter social das distinções baseadas no sexo. De acordo com a autora, o gênero seria uma categoria relacional além da primeira esfera social a dar sentido as relações de poder entre os sexos.

Scott (1995) ainda apresenta a variedade de abordagens descritivas que as feministas empregaram para a análise de gênero. Algumas delas empenhavam-se na teoria do patriarcado para explicar a subordinação das mulheres em relação aos homens. Uma segunda vertente estava ligada ao marxismo, apontando uma causalidade econômica entre relações de “produção” e “reprodução”. E, por fim, a teoria da psicanálise, dividida entre a escola francesa e a escola anglo-americana. A primeira baseada em estudos estruturalistas e pós-estruturalistas de Freud no contexto das teorias da linguagem a segunda que trabalhava nos termos da teoria de relação objetal. Para Scott, as autoras relatadas acima, que tentavam explicar o gênero a partir de suas vertentes teóricas, falharam ao manter fixo e permanente a oposição binária entre o feminino e o masculino, entre homem e mulher.

Para se contrapor aos estudos que ela critica, os quais mantinham ainda as relações como substrato das relações binárias, a autora aposta na definição de desconstrução, considerando este “um instrumento teórico fértil para os estudos feministas”. Para tanto, ela busca influência em autores como Jacques Derrida e Michel Foucault. Ao invés de aceitar as relações binárias como naturais, a partir desses autores, deve-se entender os processos e contextos por meio dos quais se constroem as hierarquias dos gêneros.

Sendo assim, o conceito de gênero, considerado de início um desnaturalizador potencialmente poderoso e como um conceito a partir do qual seria possível questionar posições teóricas estabelecidas, impôs-se, distinguindo-se do sexo. Debate que, como apresentado acima, foi se complexificando para tentar dar conta dos diferentes contextos sociais. Este é o percurso teórico em que claramente me formei como acadêmica e militante feminista.

Busquei nessas autoras formas de refletir os estudos de gênero como construções vinculadas às lutas contra a subalternidade da mulher nas sociedades ocidentais que as levaram a analisar este conceito. Assim como fez Strathern (2006), ao pontuar duas questões, em primeiro lugar, as suas considerações sobre os grupos melanésios – já que segundo ela, o gênero era uma categoria importante para ela e para os melanésios, a diferença estava no fato de que para eles o gênero não era um problema, pois ele não produzia contextos de desigualdade - e de, em segundo lugar, em como estes delineamentos a ajudaram a pensar dicotomias da sua própria cultura ocidental. Procurei, através das percepções dos pedreiros, pensar como se constroem empiricamente estas relações dicotômicas, mais deixando claro, que estas são as minhas questões e preocupações não as deles, apesar do conceito ter um sentido e ser importante também naquele contexto.

Para ser justa com o grupo por mim pesquisado, pouco pude pensar nessa pluralidade e plasticidade das categorias de gênero que são os meus referentes e não deles. Todavia, estas teorias foram importantes na medida em que serviram como pano de fundo deste trabalho, como um referencial epistemológico, para que eu tivesse o cuidado de não essencializar a categoria de gênero.

Se quisermos prosseguir com o projeto reflexivo da antropologia, ao menos nas vertentes teóricas que me identifico, temos que encontrar maneiras de compreender o mundo, os valores e as percepções do Outro nas suas próprias estruturas lógicas

compreensivas. Assim, minha preocupação foi: como equalizar a minha posição feminista e dos pedreiros que acompanhei no canteiro de obras?

A principal contribuição destas autoras, a meu ver, é apontar e questionar o fato de que a maior parte da literatura sobre gênero produzida pela Antropologia assume o gênero enquanto algo enraizado e produzido por uma mesma diferença, concebido estruturalmente do mesmo modo, isto é, como se a diferença fosse absoluta e irreduzível e não, também, um produto da reflexão da cultura.

Para eles, os homens da obra, o mundo é dividido entre homens e mulheres, com alguns desviantes no meio. Quando entrei em campo a partir da matriz e os conceitos de gênero das ciências sociais e em especial da antropologia, logo pude perceber que a ideia de gênero que eu tenho não é a mesma com a qual meus informantes entendem as relações entre os sexos. Assim, pude perceber que a teoria nem sempre aparece no cotidiano e se era a partir do cotidiano que eu precisava partir para que o gênero tivesse sentido naquele espaço foi nas teorias das masculinidades e principalmente da honra que pude fazer essa conexão.

## 1.2 A Dominação Masculina e suas críticas

A dominação masculina foi importante para as reflexões teóricas feministas da década de 70. Um dos trabalhos inaugurais sobre a condição feminina<sup>7</sup> toma a dominação masculina como um fato universal e procura buscar e explicar as condições originárias desta dominação. Autoras como Michele Rosaldo, Sherry Ortner e Nancy Chodorow (1978) no livro “A mulher a Cultura e a Sociedade”, tentam explicar por que as atividades masculinas são comumente tomadas como mais importantes do que as realizadas por mulheres, alavancando a discussão sobre a oposição entre o “público” e o “doméstico”.

Para essas autoras, naquele período, as mulheres estariam relegadas ao espaço do lar e às suas atividades domésticas, sobretudo, aos cuidados maternos.

---

<sup>7</sup> Embora eu considere a coletânea citada como inaugural dos estudos de mulheres, não desconsidero autoras como Margaret Mead e Simone de Beauvoir que escreveram muito antes; aquela na década de 30 e esta nos finais da década de 40, sobre a condição feminina e que certamente possibilitaram os diálogos da coletânea que cito.

Suas identidades são confundidas com os papéis sociais que estes espaços as conferem, como mães, esposas, irmãs. Outra explicação se daria pelo fato das mulheres estarem vinculadas à criação e educação dos seus filhos. Já os homens encontram seu lugar social e de status a partir do trabalho que efetuavam fora dos limites do doméstico.

Nestes trabalhos, acima citados, o foco está na mulher, e o homem aparece como categoria oposta, ou seja, pensar sobre a dominação masculina aqui antes de pensar a condição de homens é pensar a condição de subordinação das mulheres, ou mesmo a subordinação de determinados tipos de homens, como, por exemplo, os homens homossexuais.

Bourdieu (2010), também buscou explicações para a dominação masculina no livro de nome homônimo *A dominação masculina*. Nesse livro, ele busca a partir da sociedade cabila, uma pequena comunidade mediterrânea, entender aspectos da dominação masculina na sociedade ocidental. Justificando que a sociedade estudada era detentora de uma tradição cultural mediterrânea androcêntrica<sup>8</sup>, que encontra seus resquícios em várias partes da sociedade Européia, procurava explicar a dominação pelos seus aspectos simbólicos e estruturais. Para o autor

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação; a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (BOURDIEU, 2010, p. 18).

O seu conceito de masculino/feminino está ancorado em uma divisão do mundo, que é hierárquica, em que as oposições binárias entre masculino/feminino inscrevem-se em oposições homólogas como quente/frio, alto/baixo. Partindo dessas dualidades, que segundo o autor fazem parte de uma ontologia ocidental, acaba por se tornar etnocêntrico (CÔRREA, 1999).

Conforme as críticas de Côrrea, Bourdieu busca explicar a dominação desconsiderando toda a história do pensamento feminista em suas pesquisas empíricas e teóricas sobre a temática, julgando-se isento da lógica de qualquer

---

<sup>8</sup> Corrêa(1999) faz uma crítica contundente ao fato de Bourdieu por ter comparado e realizado generalizações a partir de uma sociedade tradicional, com pequena divisão social do trabalho (cabila) para uma sociedade mais complexa.

“visão masculina”, crítica esta que ele próprio faz às mesmas feministas (CÔRREA, 1999).

Embora existam críticas ao autor, este contribui para a discussão feminista ao pensar que os homens não são algozes desta dominação, mas antes partícipes, assim como o são as mulheres. Em um campo onde o masculino deve ser representado por características como virilidade e honra e que isso tem um custo para os próprios homens. Isto por que as estruturas que produzem e reproduzem homens e mulheres, são produtoras de um “extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas e a arbitrariedade cultural institui” (BOURDIEU, 2010, p.62).

Mesmo que, para o autor, os dispositivos do *habitus*<sup>9</sup>, neste caso “*habitus* de gênero”, sejam estruturas estruturantes que são incorporadas pelos sujeitos, ou seja, que existam estruturas que produzem e reforçam formas de ser feminino e/ou masculinos na sociedade, elas se apresentam de formas diferenciadas em cada sociedade. Nesse sentido, podemos dizer que em Bourdieu a estrutura “não é tão dura” quanto parece, a ponto de não permitir aos agentes uma certa maleabilidade na ação. Como argumenta Flávia Motta (2002)

Na dominação masculina de Bourdieu, não há lugar para a percepção de possibilidade de contra-dominação, de micro poderes – estes ficam reduzidos a um espelho da dominação que, ao contrário de a contestar, ou de a ela se contraporem, as legitimam e só fazem reproduzi-la. Os próprios textos de Bourdieu fornecem exemplos de que essa dominação de gênero (ou de sexo, já que o autor não usa a categoria gênero) não é tão irreversível ou hegemônico [...] (MOTTA, 2002, p.38)

Esse percurso pelo conceito de dominação foi importante para pensar inicialmente o meu objeto de pesquisa, na “inversão” de algumas estruturas de relações de gênero no campo do trabalho, pois eu procurava por uma “certa dominação feminina”, não aos moldes das proposições de Bourdieu exatamente, mas procurando uma certa fissura desta estrutura.

Strathern (2006) faz uma crítica ao modelo de dominação da forma como ele foi usado até então, não que estes modelos [de dominação masculina no ocidente] sejam coisas separadas, mas segundo ela podem ser pensadas de outra forma, pois como procurou mostrar a partir do contexto melanésio, homens e mulheres ou

<sup>9</sup> O *habitus* segundo Bourdieu (2009) é um conhecimento adquirido e também um, haver, um capital que indica a disposição incorporada.

masculinos e femininos não podem ser pensados como oposições, mas como um "par", gerando, não uma hierarquia de poder, mas, sim ao contrário o que ela denomina como alternância. Na cultura melanésia uma pessoa é sempre um par de formas inter-relacionadas e é sempre um agente, o qual age a partir de sua própria perspectiva, sendo assim é somente a sua vontade que ela pode exercer e não a vontade de subjugar o outro.

### 1.3 Algumas formas de pensar a masculinidade

As ciências sociais por muito tempo se debruçaram sobre os estudos das mulheres e a condição feminina; a produção desses trabalhos foi muito contundente e propalada. As masculinidades, por outro lado, surgidos quase no mesmo período, eram estudos sobre os homens que estavam diretamente ligados ao conceito de honra, a exemplo da coletânea “Honra e Vergonha – Valores da Sociedade Mediterrânea” de John Peristiany, publicado em 1988. Esses trabalhos pensavam os homens em um contexto de sociedades pequenas e tradicionais, em que a honra tomava uma importância na constituição de suas masculinidades.

Outros estudos sobre masculinidades que podemos citar são os chamados *men's studies*, os quais buscavam dar visibilidade aos homens, tal qual os *women's studies* tratavam de dar visibilidade as mulheres. Porém os chamados *men's studies* não eram definidos exatamente como estudos sobre masculinidade, pois eram trabalhos ainda pouco sistemáticos, além de serem incompletos, na medida em que segmentavam os gêneros ligados às diferenças biológicas dos sexos. (ALMEIDA, 1995; 1996). Usar o termo masculinidade acabou se tornando um campo conceitual que serviu como contraponto ao *men's studies*, para demarcar a questão cultural assumida na análise. A necessidade de se utilizar masculinidade delimita “os atributos culturalmente específicos do fato de se deter uma identidade social baseada numa construção social da natureza [...]” (ALMEIDA, 2005).

Segundo Maria Luiza Heilborn (1998), um argumento tardio aos estudos sobre homens e masculinidades indicava a dificuldade científica em se ter como objeto de pesquisas um sujeito que não era dotado de quaisquer atributos de

gênero, representante universal de toda a espécie humana. Para a autora, foram três os motivos que alavancaram os estudos sobre masculinidades: primeiramente ela menciona uma “crise da masculinidade” procedente dos estudos feministas e da emergência do movimento homossexual dos anos 60; seguidos de uma preocupação com políticas públicas que visavam à equidade entre os sexos e que, por isso, visavam o homem como sujeito ativo de tais políticas; e a dinâmica dos estudos de gênero, em que há um deslocamento dos estudos sobre o universo feminino ou das sexualidades não hegemônicas para os “sistemas ou hierarquias de gênero em sua totalidade”.

São estas discussões sobre esse tema que possibilitaram a constituição de um campo teórico, em trabalhos de autores como Connel (1995;1997), Kimmel (1999) e Almeida (1995;1996), nos anos 90 nos Estados Unidos e Europa. Estes três autores constroem modelos de masculinidade, com base no conceito de masculinidade hegemônica, modelo este que institui um padrão a ser alcançado e perseguido pelos homens.

No Brasil, a masculinidade aparece como objeto de pesquisa no final da década de 90 (HEILBORN, 1998). Com alguns trabalhos de mestrado e doutorado, em sua maioria no sudeste e no sul do Brasil, principalmente nas áreas da antropologia e psicologia social. Estes trabalhos buscavam entender as relações dos homens com trabalho, sexualidade, afetos, reprodução e seus corpos. (ADRIÃO, 2005).

### 1.3.1 Masculinidades hegemônicas e subalternas

A ideia de masculinidade hegemônica e subalterna/subordinada é apresentada a partir de dois autores centrais: Connel (1997) e Kimmel (2009). Esses autores utilizam a masculinidade hegemônica ao invés de dominação, pois entendem que a hegemonia se daria também por atos de convencimento – diferentemente da dominação que seria imposta –, e por um processo de socialização. Apesar de ambos os autores trabalharem com o mesmo conceito, estes partem de princípios diferentes, diferenciando-se sutilmente um do outro.

Kimmel parte dos estudos sobre o desenvolvimento econômico, com base nas relações entre desenvolvimento e subdesenvolvimento e na interdependência que instituem estes dois pólos. Isto é, para que existam países desenvolvidos, estes necessitam dos países subdesenvolvidos como dependentes, de modo que se a criação da metrópole cria necessariamente a periferia, as masculinidades também podem ser pensadas a partir dessa lógica. Assim, propõe que a construção da masculinidade hegemônica se estabelece hierarquicamente em relação a outros tipos de masculinidades, as subalternas.

A masculinidade hegemônica, em Kimmel (1998), é a do homem “capitalista, globalizado que, em cada país, assiste CNN em hotéis de luxo, fala por telefone celular, usa gravatas poderosas e faz refeições com o poder” (KIMMEL, 1998). Este modelo de masculinidade surge no século XIX nos Estados Unidos, na Europa e nas Américas. Esta masculinidade advém do mercado capitalista, ou seja, de um ambiente homosocial, - das suas relações de negócio, na sua devoção ao trabalho - em que o sucesso era medido pela quantidade de bens materiais que adquiria. O autor pode até pensar em uma possibilidade para refletir as hierarquias dentro das diversas formas de masculinidades, mas o problema é que toma a sociedade americana como um modelo universal de masculinidade hegemônica.

Embora sejam as mulheres e os gays que têm servido como visões clássicas de identidades de gênero subalternas desde a virada do século, Kimmel (1998) insiste na construção de identidades subalternas entre os homens. Mas como este tipo de masculinidade chegou à sua hegemonia? Para o autor, a resposta está na desvalorização de toda e qualquer outra forma de masculinidade, criando o outro sobre o amálgama da subalternidade. Assim, ou os homens eram “machos demais”, próximos à bestialização, ou não se era “macho o suficiente”, caracterizados como passivos ou femininos. Essas caracterizações, para o autor, adquirem um status de verdade.

Outro autor importante nesta vertente é Connel (1995), que para estudar masculinidades, parte do conceito de hegemonia de Gramsci, quando este estuda as relações de classe. Em sua obra a classe hegemônica exerce seu poder cultural e de legitimação, não pela força, mas através de um poder de convencimento sobre outras classes e, assim, só se estabelece coletivamente. Entretanto, não é menos

violenta que a dominação, pois a violência surge como um recurso para estabelecer a autoridade desta hegemonia, através da coalizão.

Para Connel (1995), cada sociedade define um tipo de masculinidade como um tipo ideal. Entretanto, as masculinidades hegemônicas, para o autor, não são somente uma oposição simples às masculinidades subordinadas, mas antes passam também pelas masculinidades cúmplices e marginais. Quatro modelos que, para o autor, fazem parte da ordem interna das relações de gênero. Por masculinidade hegemônica o autor entende que é um tipo de masculinidade que está num nível superior, quase operando como um tipo ideal que detém o poder de subordinar e marginalizar outras em um sistema de gênero; mas não pode ser vista como eterna, nem universal, de modo que pode ser geralmente desafiada.

A masculinidade hegemônica, em uma relação direta com a subordinada, no caso ocidental, seria a dominação de homens heterossexuais pelos homens homossexuais; pois a opressão da ideologia patriarcal a coloca no lugar mais baixo das hierarquias de gênero entre os homens, porque a homossexualidade está conectada, em nossa sociedade, à feminilidade. Mesmo sendo a homossexualidade o tipo de masculinidade subordinada mais evidente, há outras. Mas, a forma de subordiná-las, de deslegitimá-las é aproximando-as ao vocabulário feminino. Ou seja, quanto mais próximo de ações, gestos, gostos, sentidos caracterizados na nossa sociedade como “coisas de mulheres”, menos hegemônica a masculinidade é, por exemplo: expor os sentimentos é coisa de mulher, um homem que chora é considerado, nestes termos, menos homem.

O que Connel (1997) define como masculinidades cúmplices, são aquelas que mesmo não estando dentro do padrão hegemônico, são coniventes para o “projeto hegemônico”. Sendo, coniventes, as masculinidades não elaboram nenhuma crítica às estruturas de uma lógica patriarcal.

Por último, temos as masculinidades marginais, que se dá nas interações do gênero com outras estruturas tais como raça, ou classe. A marginalização será sempre relativa a partir de uma autorização das masculinidades hegemônicas. Podemos pensar como exemplo no Brasil, ou mesmo no mundo, o caso dos jogadores negros no futebol. Estes podem ser exemplos individuais de masculinidades hegemônicas, na medida em que são ídolos, ricos admirados, ainda assim, em um nível mais amplo, estes indivíduos estão em uma relação de

subalternidade aos jogadores brancos, num contexto de relações sociais no Brasil, marcado por contextos “racializados”. E, ainda que ele possua algumas marcas da masculinidade hegemônica, isso não apaga outras marcas como a cor da pele.

Essa discussão de estudos e definições de conceitos sobre as masculinidades é relevante e de extrema importância para as Ciências Sociais, mas, para Parrini (2006), estudar as masculinidades como um domínio próprio é reproduzir um binarismo que tem sido invariavelmente combatido pelas teorias feministas e de gênero. Por isso as masculinidades não devem ser problematizadas como esferas separadas, abrindo-se a possibilidade de se pensar, nos estudos feministas, tanto arranjos homens-homens quanto homens-mulheres.

Portanto, o conceito de masculinidade hegemônica em Kimmel (2009) acaba por se tornar um construto rígido, justamente na ideia binária entre duas formas distintas de conceituar a masculinidade que aparecem em pólos opostos, hegemônico/subalterno. Outra crítica ao uso do conceito de masculinidades hegemônicas é que ele supõe necessariamente uma relação de valoração com as masculinidades subalternas, além da categoria subalterno carregar em si um peso negativo, deste modo esse conceito seria eminentemente prejudicial para se pensar as masculinidades não hegemônicas (FIALHO, 2006)

Segundo Fialho (2006) o conceito de masculinidade em Connel (1995;1997) também pode ser criticado, justamente em sua acepção dicotômica do pensamento entre hegemonia e subordinação.

No que diz respeito a relações intergênero, ou mais especificamente, ou talvez de forma mais precisa, no caso que tratamos, “intersexos”, entre homens e mulheres, a ideia de hegemonia, ao buscar entender as relações de subordinação delas a eles, desconsidera um conceito já bastante desenvolvido e que serviu de base para a consolidação dos estudos da história da condição feminina desfavorável que é o conceito de patriarcado” (FIALHO, 2006, s/p).

Saffioti (1994) caminha na mesma crítica à ideia de hegemonia, não para pensar o conceito de masculinidade, mas para pensar a dominação de gênero enfatizando a condição do patriarcado como forma de explicitar as relações de poder, que ficam subsumidas no próprio conceito de relações de gênero. Sendo assim a dominação não parte a princípio dos homens, mas sim da estrutura social do patriarcado, o que possibilita aproximações com as discussões sobre

masculinidade hegemônica, na medida em que é esse, enquanto modelo tipo ideal, que o patriarcado faz operar nessa estrutura de dominação. Para Connel (1995), esse interesse dos homens na hierarquia é possível conforme o que ele chama de “dividendos patriarcais”.

As teorias do patriarcado devem ser entendidas como uma estrutura de pensar e agir que naturaliza modelos de pensamento tanto das relações homens-homens, homens- mulheres quanto mulheres-mulheres. Apesar de se considerar que o conceito de patriarcado, por pensar em uma estrutura, deixa de analisar os jogos e os poderes não implícitos nas relações de gênero, considera-se, como argumenta Machado (2000), que os conceitos de gênero e de patriarcado não precisam ser tomados como opostos.

Este conceito [patriarcado] tem sido utilizado pelas intelectuais feministas, de forma a superar qualquer ideia de “naturalidade” das relações patriarcais. O objetivo é exatamente o contrário. É desnaturalizá-lo, mostrando seu engendramento social e cultural como um “sistema” ou como uma forma de “dominação”. O outro ponto é o de que sempre o tenham entendido como um conceito historicamente referido. São estes dois pontos que permitem o uso simultâneo para muitos autores dos termos “patriarcado” e “gênero”. (MACHADO, 2000, p.4)

Algumas críticas do patriarcado segundo Machado (2000) cristalizam a dominação masculina, assim impossibilitando que se pensem as mudanças, tornando as mulheres objetos de dominação. Portanto, utilizar o conceito de relações de gênero permite entender, de forma mais dinâmica, as relações estabelecidas entre homens e mulheres, levando em conta sua historicidade, pois todas as culturas “constroem suas concepções e relações de gênero”. E justamente neste trabalho, busco entender a masculinidade em campo tomado por homens, mas são as relações estabelecidas entre ambos os sexos, que são produtos de uma história, que estão sendo problematizadas.

Entretanto, apesar das críticas ao conceito de Connel (1997) ao fato de ele ser binário, o autor ao abordar quatro dimensões das relações de masculinidades, toma-as como configurações de interdependência, o que possibilita afirmar que não considera a masculinidade hegemônica como dois pólos binários e excludentes da subordinação, mas antes nos mostra como estas categorias não são fixas e que qualquer destas formas de masculinidades – hegemônica, subordinada, cúmplice e

marginal- podem operar de forma conjunta e, ao se combinarem, produzem um maior entendimento de que tipo de masculinidade está em jogo.

A masculinidade hegemônica, para Almeida (1995) e Connel (1995), funciona como um modelo típico de ideal. Na empiria, verifica-se que a forma culturalmente exaltada deste tipo de masculinidade só corresponde às características de um pequeno grupo de homens. Exercendo sobre esses “um efeito controlador, através da incorporação, de ritualização das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que excluí todo um campo emotivo considerado feminino”.

### **1.3.3 Homens e Masculinidades como construções de Gênero**

Connel (1995) define quatro abordagens sobre o tema da masculinidade. Em primeiro lugar existem as teorias essencialistas, que definem uma característica como essencialmente masculina e agregam a ela várias características da vida dos homens. Entretanto, é difícil e até arbitrário determinar a masculinidade através de apenas um traço.

Em segundo lugar, o autor elenca a ciência social positivista que busca elaborar um modelo de masculinidade, ou seja, deseja definir a masculinidade no campo da empiria, através de um padrão de vida dos homens em uma determinada cultura. Não obstante, ao se falar em homens, não necessariamente estaria invocando uma definição de masculinidade. Dada que as diferenças sexuais não estão acopladas as identidades de gênero.

Em terceiro lugar temos as normativas. Aqui se elabora uma definição sobre o que os homens podem ou não podem fazer ou ser, como, por exemplo, dizer que homem não chora. Estas teorias aparecem, sobretudo, nos estudos sobre os meios de comunicação. O próprio conceito de papéis sociais elabora uma norma social que os homens devem seguir, mesclando frequentemente definições normativas com definições essencialistas.

Por último, temos os enfoques semióticos das análises culturais feministas e pós-estruturalistas, que tentam fugir da masculinidade individual para falar sobre as diferenças simbólicas em um sistema cultural. Esta definição tem sido mais efetiva

para a análise cultural na medida em que foge dos paradoxos das definições positivistas e normativas, assim como da arbitrariedade das análises essencialistas.

Incluo esse trabalho, nesse último enfoque por acreditar que, pensar as masculinidades a partir de uma matriz de gênero, é importante para o próprio campo dos estudos do gênero. Joan Scott (1995) mostrou análises de gênero devem considerar os aspectos relacionais, mas não apenas entre uma relação entre o idêntico e o diferente, pois elas estão alicerçadas nas construções simbólicas sobre as diferenças sexuais. Produzindo histórica e culturalmente formas coerentes de ser homem e de ser mulher de ser masculino e feminino, e que são corroboradas por diversas práticas e instituições.

Assim, as formas de feminilidades e as masculinidades são socialmente construídas e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. Pois variam de cultura a cultura, são historicamente situadas, tem influências de outras variáveis, além de variarem durante a própria vida do sujeito. O gênero é uma categoria analítica cuja sustentação teórica excede os limites do feminismo: “O que chamamos de homem e de mulher não é produto da qualidade biológica, mas sim das relações sociais baseadas em distintas relações de poder” (Scott, 1986; Heilborn, 1992 *apud* Morais, 1998).

Portanto, o conceito de masculinidade não pode ser pensado fora do conceito de gênero, pois faz parte dele intrinsecamente. O intuito primordial de se pensar as masculinidades, assemelha-se quando se pensa as feminilidades, ou seja, que características que acreditamos inatas a determinado sexo, são antes estruturas culturalmente estabelecidas e ensinadas em um processo contínuo de produção de diferenças com base na percepção de uma natureza do sexo. Scott (1995) propõe pensar que o sexo está marcado desde sempre pelo gênero, pensando-o como histórico e desestabilizador dos próprios termos da identidade sexual, rejeitando o caráter fixo e permanente desta posição binária.

Um dos caminhos possíveis para conceituar as masculinidades seria a partir de um diálogo com as teorias feministas. Medrado sugere quatro eixos desta matriz: o sistema sexo/gênero, sua dimensão relacional, as marcações de poder, além de uma ruptura com modelos binários de gênero encontrados no domínio da política, das instituições e das organizações sociais. Medrado dessa forma toma o mesmo caminho de Butler (2003),

Se os gêneros são significados culturalmente assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere um descontinuidade radical entre corpos sexuados e gênero culturalmente construídos... Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2003, p. 25).

Portanto, a masculinidade e feminilidade não são características que acreditamos inatas a determinado sexo, são antes estruturas culturalmente estabelecidas e ensinadas, metáforas de poder e de capacidade de ação acessíveis a homens e mulheres. Do mesmo modo que as formas de feminilidades, as masculinidades são socialmente construídas, bem como a própria noção de homem e mulher.

Utilizar o conceito de relações de gênero permite entender de forma mais dinâmica as relações estabelecidas entre homens e mulheres. Apesar de este trabalho procurar entender a masculinidade em campo tomado por homens, são as relações estabelecidas entre ambos os sexos que estão sendo problematizadas e nisso as teorias de gênero foram importantes. Em

[...].uma relação entre sujeitos historicamente situados [...] o sujeito a atacar passa, a ser numa concepção relacional, o padrão dominante da relação de gênero. Diferentemente do que se pensa com frequência, o gênero não regula somente as relações entre homens e mulheres, mas normatiza também relações homem-homem, mulher-mulher (SAFFIOTI, 2004, p. 275/276).

Volto a pensar na dificuldade encontrada em pensar o gênero entre os pedreiros e a própria noção que eu tenho deste conceito. Uma vez que gênero pra mim (sobretudo informada pela bibliografia acima) é algo plural, é muito mais do que a inscrição do masculino e do feminino em um corpo previamente dado. Entretanto, para o grupo que pesquisei, as formas de ser masculino e feminino são dependentes de inscrições do sexo de se ter um “pênis” ou uma “vagina”. Parece que para pensar o gênero a partir do que eles consideram, é voltar às discussões feministas do final da década de 70. Mas, se eu partir dos meus conceitos para entendê-los, minha “viagem” antropológica poderá ser prejudicada, o caminho a percorrer será pensar esse incômodo a partir dos dados.

## 2 ENTRE O OBJETO, O MÉTODO E A ETNOGRAFIA

Este trabalho analisa aspectos que tangem a masculinidade das classes trabalhadoras<sup>10</sup>, mais especificamente operários da construção civil e/ou funcionários – homens e mulheres. Busca, através de uma pesquisa etnográfica, entender as hierarquias de gênero nas relações estabelecidas entre mulheres – engenheiras civis e seus subalternos, trabalhadores braçais da construção civil, em um canteiro de obras. O mesmo teve como lócus de realização uma localidade do interior do Rio Grande do Sul. Para entender as escolhas metodológicas, neste capítulo será apresentada a etnografia como método base desta pesquisa, além dos percalços e caminhos seguidos neste trabalho. E, para finalizar esta parte, exponho como se deu a negociação com os/as pesquisados/as, analisando as questões éticas do campo.

### 2.1 A dor da etnografia

A ideia de etnografia, aprendida através da observação participante nos primeiros encontros com a antropologia - e que uma grande maioria dos/as estudantes tem em mente - é aquela vislumbrada nas páginas iniciais do livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, em que Bronislaw Malinowski (1984) relata seu percurso de pesquisa, pedindo para o/a leitor/a se imaginar sozinho/a, com seus equipamentos em uma praia tropical e longe da “civilização”.

Entretanto, como aprendi a admitir com minha orientadora<sup>11</sup>, não estamos mais na época de Malinowski, nas Ilhas Trobriant, nem temos mais o tempo necessário para uma pesquisa de tal envergadura, na qual o/a pesquisador/a

---

<sup>10</sup> Sobre a cultura das classes trabalhadoras urbanas e os limites do uso do termo ver Duarte (1996)

<sup>11</sup> O orientador ocupa um lugar importante nas nossas vidas “mesmo sem desejar e muitas vezes sem consciência, [nos insere como] herdeiros intelectuais de determinadas linhagens”(GROSSI, 2004, p. 221./223).

passava anos juntamente com este “outro universo”, tempo este que era “definidor da própria pesquisa etnográfica” (RIBEIRO, 2010). Nosso tempo de produção é o da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que delimita o mestrado em vinte e quatro meses, ocupados pelos estudos teóricos e metodológicos, inserção em campo, pesquisa, compilação e escrita etnográfica. Nosso tempo de pesquisa também tem relação com a sazonalidade das populações que investigamos. Todavia, não é pelo pouco tempo que nós não chegamos a lugar nenhum, pois algo pode ser extraído desta experiência, sem negar que maior tempo de campo possibilitaria a exploração melhor dos dados obtidos.

O método etnográfico nos permite, enquanto pesquisadores/ras, um contato contínuo com o grupo estudado. Desta forma, fazer etnografia é “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever dados, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário”. É entrar na vida do “outro”, sem a mínima pretensão de “entrar na alma do nativo” (MALINOWSKI, 1978), mas antes procurar entender uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes” nas quais as ações são produzidas, percebidas e interpretadas. (GEERTZ, 1989).

Mesmo estando imersa em campo em torno de dez horas por dia, cinco dias por semana, durante um mês e meio, eu não conseguia me aproximar dos pedreiros. Senti um mal estar, como se meu trabalho fosse um fracasso. Foi nas sessões de orientação – que ora nos colocam embaixo da cama, ora nos fazem ver o amanhecer –, que fui reconhecendo que dessa minha dificuldade poderia retirar ensinamentos culturais. Muitas vezes não percebemos que as estruturas de significados não são realmente aparentes e que nossa tarefa árdua de etnografar está além da convivência com o que nos parece diferente, mas esta pode ser também a melhor parte. Passar horas a fio a escrever os diários, ler, reler, tomar café, almoçar, namorar e nunca parar de pensar em uma frase, um olhar, algo fora do lugar que não compreendemos direito. Assim:

aprendemos como sintetizar o relevante e abrir mil vezes mão de nossas questões, previamente elaboradas, para se entregar à descoberta de lógicas alternativas emaranhadas em frases “sem sentido”, ou em uma piada que nos soa fora de lugar; num gesto que estranhemos ou algo que parece tão banal, mas que afinal não compreendemos bem. Aprendemos a registrar tudo, inclusive o que não tem a menor importância para o “projeto de pesquisa”. (BRITES, MOTTA, s/p, manuscrito)

Como também lançamos mão de páginas e páginas escritas de observações, pois nem tudo que cabe no diário de campo aparece no texto final, embora o que parece inicialmente não ter significado, no ato de escrever poderá fazer todo o sentido. Por isso, o que inicialmente pode ter parecido um fracasso: o pouco tempo e campo, a dificuldade de aproximação com os pedreiros, foi no ato de escrever transformado em bons aspectos de reflexão.

Dito isso, de outra maneira, para que se compreendam determinados fenômenos sociais, lanço meu olhar para as relações de gênero na construção civil a partir da Antropologia. É no “olhar, ouvir e escrever” que estes elementos adquirem “um sentido todo particular de natureza epistêmica”. (OLIVEIRA, 2006, p. 18). O olhar – às vezes com medo, outras com admiração, mas sempre com estranheza –, que adquire um sentido mais amplo, pois é a “primeira experiência dos pesquisadores em campo” e este olhar será sempre guiado pelas lentes da nossa disciplina. O “ouvir”, deve ser dialógico, transformando o/a informante em um/a interlocutor/a; esta habilidade possibilitará “o encontro etnográfico”, onde o/a pesquisador/a ouve seu/sua informante, mas por ele/a é também ouvido, numa relação horizontal<sup>12</sup>, tornando possível um encontro entre iguais. (OLIVEIRA, 2006).

Se os atos de ver e ouvir podem ser considerados, por Clifford Geertz (2005), como “estar lá”, é no ato de escrever, ou seja, de “estar aqui”, que, nós autores/as, escrevemos nossos textos para pares “transpondo os conceitos nativos pra os conceitos da disciplina”, pois a etnografia se dá no texto; no processo de relativização da alteridade do outro.

Pensar nesse encontro com o outro na qual a subjetividade do/a autor/a se coloca com a dos sujeitos, contextualizar “a nossa própria visão de mundo” (BRITES; MOTTA, s/p, manuscrito), pois é este embate com outros sujeitos que, assim como nós, possuem uma história e uma visão de mundo diferente e diversa, que “encontramos os elementos indispensáveis para o processo dialógico da pesquisa” (FONSECA, 1995).

Obviamente, as etnografias que se enveredam nessa perspectiva são baseadas nos dados de campo; em um trabalho concreto. Assim, seus resultados

---

<sup>12</sup> Apesar de entender que a relação com nossos informantes deve ser horizontal, sempre desconfiei de tal fato, mas não consigo vislumbrar essa relação como não hierárquica e imbuída de relações de poder. Ao mesmo tempo em que sempre achei que os maiores beneficiários de nossas pesquisas somos nós os pesquisadores e não nossos interlocutores.

são pontuais, inacabados. Uma das primeiras barreiras que encontrei em campo foi a tentativa de me inserir na pesquisa, a partir de um pedreiro, já que meu objetivo era, principalmente, relacionar-me com eles, mas o meu lugar social não me permitiu tal acesso. Isso fez com que eu procurasse outro ponto de aproximação por meio de engenheiros e engenheiras. Eu não conhecia nenhum pedreiro na cidade de realização da pesquisa, então, antes que ficasse inviável realizar a pesquisa, entrei em campo a partir das minhas possibilidades.

Se, ao idealizar essa pesquisa etnográfica, eu desejava conhecer especialmente o mundo dos pedreiros, quando estive na obra, essa “empreitada” não foi tão fácil de estabelecer. Acabei tendo mais contato com a engenheira e com os mestres de obra.

Havia uma rotina na obra, na qual minha presença feminina e meus assuntos eram visivelmente incômodos para os operários. Mulher na obra, conversando sobre assuntos fora das tarefas imediatas, ou é ignorada, chata ou quer levar cantada. Observei que tive a sensação de estar escolhendo pelo mais fácil, ficando com pessoas mais parecidas socialmente comigo. As marcas sociais de nossa identidade eram explicitadas na própria vestimenta, postura, linguajar, enfim, no *hexis* corporal apreendido em nossos grupos de convivência.

Enquanto os pedreiros usavam capacete amarelo e pegavam qualquer equipamento disponível, os quais não tinham uso individual, a equipe administrativa usava capacete branco com o nome próprio inscrito à caneta no interior do capacete, assim como eu. A roupa também apresentava diferenças. Enquanto os empregados usavam roupas cedidas pela empresa, os/as empregados/as administrativos/as usavam suas próprias roupas, sem nenhuma insígnia da empresa. Neste quesito pode ser pensado o meu lugar de ambiguidade dentro da obra, já que ao mesmo tempo em que eu usava o capacete branco, logo que comecei minha pesquisa me foi dada uma camiseta da empresa.

Consegui me aproximar de apenas dois pedreiros: Seu Pedro e Airton, pois eram mais velhos e a localização de suas tarefas eram mais próximas do local onde eu ficava observando; além de executarem quase todas as suas tarefas sentados, como lixar e limpar as ferramentas, o que permitia que eles não ficassem andando de um lado para outro. Aproximei-me, também, do pintor Marcos no período em que ele pintava uma parede perto do container do almoxarifado.

Brites (2000), aponta em sua tese, a partir do informante Norberto, o desprestígio sofrido pelos homens mais velhos com relação à sua sexualidade. A sexualidade masculina, pensada como atributo “natural” dos homens adultos e saudáveis, começa a perder força com a chegada dos anos. Os velhos, ao olhar dos outros, e às vezes de si mesmo, como aponta Maia (2010), “sofre um processo de dessexualização”, pois não trabalham mais e “não servem pra nada” quando o assunto é sexo. No caso estudado por Brites, isso dava a Norberto uma permissão para brincadeiras de insinuação sexual com outras mulheres, inclusive com as casadas, que jamais seria permitido a um homem jovem ou maduro sem uma disputa agonística pelo espaço e pela honra. Talvez isso permitisse que os velhos se aproximassem de mim com mais facilidade ou, pelo contrário, eu acabei por me aproximar mais deles por considerá-los menos “perigosos”, ou por pensar que eles não enxergariam em mim a possibilidade de uma “cantada”.

Aprendendo a tirar proveito dos erros em campo, compreendi também que, como eu não tinha que empilhar tijolos, amassar cimento, fazer buracos, trocar fiação, o meu “não fazer nada” se assemelhava com as funções do pessoal administrativo, assim também as distâncias com os trabalhadores iam se impondo, como se fossem “naturais”. Com isso, desenvolvi uma relação mais densa e íntima com a engenheira, pois além de trocar ideias sobre a obra, sua profissão, fiquei conhecedora de detalhes muito privados de sua vida, os quais nem todos poderão aparecer nestas páginas.

## 2.2 Sobre questões éticas

Apoiada nos preceitos éticos, que formam uma das estruturas fundamentais da produção do GEPACS<sup>13</sup>, temia enormemente não honrar a confiança que recebi dos/as informantes dessa pesquisa. Acompanhei seu cotidiano, me tornei amiga e confidente, fui companhia de festas, observei namoros, queixas, insubordinações. Como traduzir tudo isso, que acabou sendo meu material mais rico, em uma peça jurídico- burocrática como de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?.

---

<sup>13</sup> A questão da ética na pesquisa sempre foi muito presente na minha formação, principalmente pela Professora Zulmira N.Borges.

Na minha primeira conversa com a engenheira<sup>14</sup>, comentei sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, expliquei-lhe do que se tratava e perguntei se ela achava necessário usá-lo. Ficamos acordadas que ela iria conversar com o dono da construtora e, assim, não houve a prerrogativa para uso de tal termo. Entretanto, ao começar a minha pesquisa, e pela própria natureza da observação participante, eu circulava livremente pelo estabelecimento comercial no qual a obra era realizada, esse andar livremente pela obra, sem estar relacionada ao andamento da mesma, causou alguns questionamentos culminando na exigência de um documento, com o timbre da Universidade e do Programa de Pós-graduação na qual eu sou vinculada – providenciado e entregue duas cópias, uma ao gerente do ponto comercial, e outra à própria construtora. Entretanto, não considero este “papel” fundamental para a construção da minha identidade no campo, sendo apenas um quesito burocrático, pois eu já havia dado andamento à pesquisa fazia duas semanas. A ideia do documento era tão somente como precaução para a construtora diante do ponto comercial, já que entre os funcionários de um modo geral, o fato de eu andar com capacete e a camiseta da empresa dava a ideia para os trabalhadores do estabelecimento que eu era tão somente uma estagiária de arquitetura ou engenharia civil. Foi esta presença constante, vivenciando o dia-a-dia da obra, que construiu meu lugar de pesquisadora.

Como explicitado acima, o consentimento para esta pesquisa foi dado de forma consensual pela engenheira e pela empresa construtora. Quanto aos próprios pedreiros ou mesmo os mestres de obras não houve explicitamente um pedido, somente fui apresentada a eles como pesquisadora por Ricardo, mestre-de-obras a mando da engenheira. Estes acordaram implicitamente com a pesquisa, na verdade eles concordaram mais do que com minha pesquisa, a minha presença. Assim todos que participavam sabiam que ali, naquele espaço, estava sendo realizada uma pesquisa, ainda que não fosse claro para eles como ela era concebida.

Dada às configurações do meu campo, não houve a necessidade do uso do termo, mas acredito que ele não protege as pessoas investigadas, porque a natureza da pesquisa etnográfica é indiscreta<sup>15</sup>. Este documento serve, por vezes, para proteger o próprio pesquisador (FONSECA, 2008). A Associação Brasileira de

---

<sup>14</sup> Este primeiro contato com a engenheira será descrito em maiores detalhes no Capítulo 3 “Apresentando um campo”.

<sup>15</sup> Jurema Brites em sessão de orientação.

Antropologia tem seu próprio código de ética<sup>16</sup>, e não estabelece a obrigatoriedade de tal termo, pois há o que se pensar sobre as condições da pesquisa proposta. Ao analisar o meu universo de pesquisa concordo com Marcos Benedetti (2005) que a solicitação de tal termo à

[...] grupos pouco letrados, em situação sócio-econômica precária, com pouca informação sobre os procedimentos científicos e quase nenhuma inserção nas esferas públicas de reivindicação de direitos [...] acaba sendo mais uma violência simbólica a oprimir as pessoas em estudo (BENEDETTI, 2005, p. 49).

Muitas vezes isso me deixava confusa, reconhecendo o quanto eu era a principal beneficiária das nossas interações. Motivo a mais para que todo caminho que segui fosse pautado exclusivamente pensando nos sujeitos desta pesquisa.

A mudança de nome e o fato de não mencionar os locais onde a pesquisa foi realizada foi uma opção essencial. É outra medida que utilizo para proteger meus informantes desta tarefa hercúlea, pois é no detalhamento que fazemos dos sujeitos e lugares das nossas pesquisas que trazemos fidelidade ao texto etnográfico.

Mesmo que a cidade não seja mencionada, algumas características básicas são importantes para que o leitor possa situar sociologicamente este trabalho. Realizei essa pesquisa em uma cidade de médio porte, com a economia voltada para a prestação de serviço, fundamentalmente pelo estabelecimento de serviços públicos estaduais e federais de saúde e ensino e desenvolvimento do comércio. Por isso, existem muitos estabelecimentos comerciais tais como o que pesquisei, sendo difícil que, ao ler este trabalho o leitor consiga mapear facilmente onde a pesquisa foi realizada.

Sei que não mencionar a cidade da pesquisa e mudar o nome dos sujeitos é insuficiente para garantir o anonimato dos sujeitos de campo, pois assim como Fonseca (2010) considero que

[...] o uso de nomes fictícios não garante o anonimato aos informantes. Justamente, porque a descrição densa depende da riqueza dos detalhes contextuais – tanto do local, quanto do indivíduo – não é, difícil para qualquer pessoa próxima aos nossos sites etnográficos reconhecer cada personagem, que seja nomeado ou não. (FONSECA, 2010, p. s/p)

<sup>16</sup> Para acessar ao código de ética da Associação Brasileira em Antropologia <http://www.abant.org.br/?code=3.1>. Acesso em 08/08/2012.

Assim como o anonimato, também o uso do Termo de Livre consentimento Informado não garante os aspectos éticos de uma pesquisa, mas sim um emaranhado de medidas tomadas e refletidas conjuntamente.

### 2.3 Negociações pesquisadora - pesquisado/a

Se a pesquisa etnográfica se dá a partir de observações, partindo de uma relação observador/a X observado/a, algumas dessas relações exigem negociação para que se permita o andamento da pesquisa. Diante disso, dois fatos foram marcantes nos meus primeiros dias de campo.

O primeiro fato foi a fala de um dos donos da construtora, o segundo, aconteceu quando fui interpelada por um dos pedreiros que queria maiores informações sobre o que eu estava fazendo ali, nas suas palavras *“o que é essa tal de antropologia?”*<sup>17</sup>. Explico cada episódio separadamente, mas ambos igualmente fizeram pensar sobre o meu lugar no campo; já o primeiro episódio dá pistas sobre que masculinidade eu iria encontrar naquele espaço.

Assim que entrei pela primeira vez no container administrativo<sup>18</sup>, fui apresentada por Fabiana aos dois sócios da empresa, Luís – responsável pelo andamento daquela obra em específico – e Otávio – sócio majoritário, permanecendo a maior parte do tempo na sede da empresa –, e aos três mestres de obras: Ricardo, Taislan e Gustavo<sup>19</sup>. Logo depois de me apresentar, Fabiana saiu e me deixou sozinha com eles. Neste primeiro contato ocorreu uma conversa entre eu e Luís, que me possibilitou pensar o espaço ocupado por estes homens naquele lugar. Todos eles estavam sentados conversando e eu parada na porta. O diálogo transcorreu da seguinte forma:

<sup>17</sup>Todas as falas dos meus informantes que aparecerão no decorrer do texto estão serão caracterizadas pela inscrição em itálico e aspas.

<sup>18</sup> Este espaço será mais bem detalhado no subitem 3. 3“Descrição das personagens, lugares e espaços”.

<sup>19</sup> Ricardo era o principal mestre de obras, mas também era formado em segurança do trabalho. Taislan era segurança de trabalho e Gustavinho era mestre de obras. Como as definições no campo não são tão fixas e por vezes eles todos era tomados como mestre-de-obras, no texto quando utilizo o termo sem fazer referência, estou me referindo a estes três homens.

*Tu tem certeza de que tu quer fazer pesquisa aqui com a gente? – Luís*  
*Sim, quero, respondi prontamente.*

*Mas aqui somos um bando de “loco”, tudo “loco”! – exclama Luís*  
*Verdade? – falei sem muita certeza de como reagir.*

*Pergunta pra Fabiana! Quando ela chegou aqui fizemos um bolão pra ver quanto tempo ela ficaria. É difícil aguentar toda essa gente “loca”, mas ela é de fé, já esta aqui há três meses.*

*Ah! Vamos ver, acho que eu consigo também.*

*Quero só ver “guriazinha”!!! – exclamou ele ao som das gargalhadas de todos os outros.*

A palavra “loco” parece assumir um descritor de masculinidade naquele lugar, pois mesmo Fabiana estando ali há um bom tempo, ainda não detinha o mesmo status de “loca” como os homens, assim como provavelmente eu não o iria obter; visto que este *status*, neste caso, assume um aspecto relacional de gênero. Aqui o “loco” parecia estar declaradamente relacionado e contrastado ao “guriazinha”/“mulher”. “Loco” apareceu outras vezes como uma característica masculina de destemor, de resistência, de não se comportar dentro dos limites estabelecidos. Ser “loco” era o que uma “mulher de bem” não seria, muito menos uma “guriazinha”, mas como pretendo mostrar ao final da etnografia, pode sim agüentar e conviver com “os loco”. Habituar-se a eles e ao mesmo tempo não ser “loca”, só é possível ao se compreender a loucura dos homens como um atributo masculino que deve ser respeitado pelas mulheres. Neste primeiro encontro estabeleceu-se um desafio, um jogo comigo, que só compreendi, bem mais tarde observando os homens em interação uns com os outros.

Desde o meu primeiro momento da obra também percebi a curiosidade de alguns pedreiros, ou mesmo de mestres-de-obras, com minha figura. Primeiro, por que eu andava de um lado para o outro fazendo perguntas sobre a vida deles ou, às vezes, sentava em um canto com uma caderneta na mão anotando o que eu observava e escutava. Mas o que eu realmente fazia ali parecia uma incógnita, pois eu não era do estabelecimento comercial, não era engenheira (apesar de ter sido confundida com uma), era uma mulher (ainda raro nestes espaços de trabalho) e, também, jovem e aparentemente desvinculada de serviços de limpeza que ali

também são prestados. Obviamente eles deviam se perguntar o que eu estava fazendo ali e que tipo de pesquisa era aquela que eu realizava.

Fui apresentada aos trabalhadores como pesquisadora pelo mestre-de-obras, sob as ordens da engenheira. Desde então, todos sabiam que eu estava ali para fazer uma pesquisa, que eu era estudante da universidade e que ia acompanhar o dia-a-dia deles. Fui apresentada como antropóloga, pois, apesar de me apresentar como cientista social para a engenheira, falei que meu trabalho tinha uma ênfase antropológica. Assim, de boca em boca, fiquei conhecida como “antropóloga”. Entretanto, mesmo que eles me conhecessem com essa nomenclatura, afinal o que é antropologia naquele espaço?, percebi que a categoria de “guriazinha” fazia muito mais sentido naquele espaço, configurando o meu lugar no campo.

Explicar o que é antropologia para um público leigo, até hoje ainda é uma tarefa árdua para mim, pois considero a disciplina extremamente complexa e ampla para uma simples definição. Confesso que fiquei um pouco tensa e nervosa, mas não pude fugir da tarefa quando fui interpelada por seu Pedro:

*Mas vem cá guriazinha, me diz o que é essa tal Antropologia e o que tu veio fazer aqui?*

*Essa antropologia tenta entender algumas coisas sobre algumas pessoas e grupos, como, por exemplo, agora eu estou procurando observar vocês neste espaço de trabalho, assim preciso saber como é a vida de vocês, o que vocês fazem, como vocês trabalham ou esse tipo de coisa.*

Respondi educadamente, tentando simplificar a réplica, e apesar dele soltar um: “*ah bom*” de espanto no final, com um sorriso maroto. Senti que, ou o que eu falava com tanto cuidado era eclipsado na mente de Pedro, ou, na verdade, parecia haver um certo tom de admiração por eu estar interessada na dimensão simbólica das suas vidas e dos seus fazeres. Mas tudo ficou claro, logo após eu terminar de responder quando Pedro completou com uma nova pergunta:

*Tá, mas o que tu faz além de estudar?*

A verdade era que ele estava também interessado em outras dimensões da minha vida, do mesmo como em que eu estava interessada na dele, ou seja, o que eu estava fazendo ali, não era o mais importante. Por isso respondi que gostava de ir ao cinema com amigos e de visitar minha família que mora em outra localidade. Sem que pudéssemos prolongar a conversa, logo após a minha resposta, ele foi chamado por um companheiro para parafusar alguns equipamentos. Esse fator foi constantemente relatado no meu diário de campo, toda vez que eu começava um diálogo com alguém, éramos interrompidos pela urgência de algum serviço ou tarefa na obra, como aconteceu com seu Pedro.

Apesar de saber de antemão que a pesquisa de campo é um trabalho de mão dupla, no sentido que, ao mesmo tempo em que eu quero saber sobre eles, eles também querem saber algo de mim, é justamente este encontro que torna um trabalho possível. Portanto, as nossas perguntas, minhas e de Pedro, não tinham o mesmo objetivo.

## **2.4 Fazendo etnografia num canteiro de obras**

Meus primeiros encontros etnográficos com o grupo que pesquisei começaram tardiamente em relação à minha entrada na Pós-Graduação. Desde a metade de 2011, já sondava com amigos/as engenheiros/as e arquitetos/as, as possibilidades da minha pesquisa de campo e cada um deles tinha um caminho para indicar, o que fez parecer que a entrada em campo seria relativamente fácil e rápida. Portanto, a ideia inicial era entrar em contato novamente com estes amigos para que o trabalho de campo começasse efetivamente. Mas, de fato, foi possível começar a pesquisa empírica somente três meses depois dos contatos iniciais. Compreendi, mais tarde, que as dificuldades que eu encontrava também faziam parte das características do cenário de investigação.

A partir das minhas redes de sociabilidade tentei, frustradamente, encontrar engenheiras que trabalhassem como responsáveis em canteiros de obras da construção civil. Na cidade eleita para pesquisar, as informações que recebia eram diferentes das que recebi anteriormente, pois ao contatar as profissionais em serviço

compreendi que esse tipo de profissional que eu buscava era raro nesta região, ou seja, que não havia muitas mulheres em obras. Das engenheiras na cidade, a maior parte trabalhava na área administrativa: no escritório das empresas, na função de elaboração de projetos, e não na execução e acompanhamento da obra

Isso me intrigava e, ao mesmo tempo, revelava o que as pesquisas quantitativas apontam – as engenharias são um nicho profissional ainda massivamente masculino. Depois de inúmeras tentativas, um amigo distante instigado com meu tema, observou uma engenheira dirigindo uma obra no seu trajeto cotidiano. Conversou rapidamente com ela falando sobre o meu trabalho, conseguindo seu contato telefônico. Telefonei para a engenheira e esta foi bem receptiva; assim que possível, marcamos um almoço, no centro da cidade selecionada para conversarmos sobre minha pesquisa, para que eu me apresentasse, falasse do meu projeto e sobre a viabilidade de fazer campo nesta construção. Assim, consegui efetivamente entrar no campo etnográfico, passando a pesquisar a obra de um estabelecimento comercial de grande porte na cidade, a qual era coordenada e executada por uma engenheira.

### 3 TIJOLO POR TIJOLO: APRESENTANDO O CAMPO

Neste capítulo será apresentado como ocorreu o primeiro contato com a engenheira para que eu pudesse realizar a pesquisa. Além dela, serão apresentadas também as outras mulheres que encontrei e como estas apareciam na obra da reforma. Realizarei posteriormente, uma descrição da obra e do seu funcionamento, assim como da apresentação de alguns homens. Aqui, foi possível notar alguns indícios de quais modelos de masculinidade apareceram no meu campo.

#### 3.1 O primeiro contato com a engenheira

Eu esperava encontrar uma mulher com traços brutos, como de alguém que trabalha em um lugar que exige esforços braçais, além de pensar que estaria vestida, senão de uma forma mais masculinizada, ao menos neutra, que escondesse de certa forma sua feminilidade. Também esperava encontrar uma mulher com voz firme, pois esse era o tom que eu imaginava de alguém que trabalha liderando homens. Sei que pode parecer uma visão deliberadamente ingênua, mas de todos os cenários que imaginei a que vislumbrei com presença real da engenheira foi totalmente o inverso.

Tive uma certa surpresa ao avistá-la e perceber que praticamente todas as minhas pré-noções não se confirmavam. Fabiana era uma mulher atraente, de 36 anos, morena com cerca de um metro e sessenta de altura. Sua voz era suave e delicada, apesar de alegre. Em nosso primeiro encontro usava roupas simples, mas femininas: calça jeans e blusa preta, ambas justas evidenciando as formas do seu corpo. Seu rosto estava bem maquiado. Usava batom, delineador, brincos dourados – nem grandes, nem pequenos – e uma pequena gargantilha de ouro. Na sua mão podia se observar que as unhas eram curtas e não estavam pintadas, embora estivessem bem cuidadas. Em um dos dedos possuía um anel de casamento e, logo acima, outro com uma pedra grande e escura. Seus cabelos estavam soltos, presos com óculos de sol acima da cabeça. Em contraste com todo este visual feminino,

usava uma botina suja de pó, evidenciando um traço característico de quem trabalha numa obra: sujeira.

Escolhemos o nosso cardápio e lhe apresentei minha pesquisa e como ela iria se configurar. Assim como ela foi receptiva ao telefone, foi comigo pessoalmente me dando total liberdade para entrar no campo o mais rápido possível. Nosso encontro foi numa terça-feira, sua sugestão inicial era de que ela tivesse essa semana para organizar algumas coisas, falar com seus chefes, além de solicitar que estes providenciassem para mim os EPI's(Equipamentos de Proteção Individuais) sem os quais eu não poderia permanecer na obra. Pediu um tempo para preparar minha “entrada” e combinamos que eu começaria a frequentar a obra na próxima segunda-feira.

Após estas conversas mais pragmáticas, conversamos sobre muitas coisas: a vida dela, a rotina da obra, suas experiências de ser uma trabalhadora que se desloca de sua cidade acompanhando a empreiteira e as diferenças que percebe no tipo de profissional com a qual tem que lidar. O que talvez parecesse banalidade para ela, frente a uma reunião “profissional”, eram assuntos de extrema importância para que eu tivesse um panorama do meu objeto. Começamos com ela me contando, ainda que superficialmente, a rotina da obra.

A verdade é que uma conversa informal não segue uma linha lógica como uma entrevista estruturada. Assim, a conversa foi seguindo os rumos conforme Fabiana a levasse, posto que o objetivo desta entrevista era, tão somente, organizar a entrada da minha pesquisa. Conversamos sobre sua vida pessoal e profissional.

Formou-se em 2001 em uma universidade pública, já na faculdade relatou-me que tinha predileção por canteiros de obras, toda sua formação foi para exercer este tipo de serviço - inclusive seu estágio foi na reforma de um aeroporto. Entretanto, passou muito tempo em busca de emprego, pois a preferência para o trabalho nas obras é por homens. Em algumas entrevistas isso ficava evidente, enquanto em outras ela percebia nas entre-linhas. Os entrevistadores chegavam a falar com todas as letras que preferiam para o cargo um homem a uma mulher, apesar da sua qualificação. O fato de ter tido um filho dificultou ainda mais que ela conseguisse um emprego, pois ela foi demitida logo após acabar a licença maternidade de sua segunda gestação.

Ao mesmo tempo em que o almoço foi servido, Fabiana começou a falar sobre a sua vida acadêmica e discorremos sobre nossas experiências na universidade. Assim, a conversa foi ficando cada vez mais pessoal, conversamos sobre nossas famílias e amigos até finalizarmos a refeição. Terminado o almoço nos despedimos com a promessa de que eu começaria a pesquisa na semana seguinte.

### 3.2 As “outras” mulheres da construção

Além da engenheira, sob qual estava o meu foco de análise, havia outras oito mulheres que faziam parte da “obra”. Destas, sete eu conheci pessoalmente, mas pouco tive contato, e uma delas só tomei conhecimento pela descrição e falas da engenheira e dos mestres de obras -- nem mesmo o nome dela consegui registrar. Esta última era a chefe da empresa comercial que contratou os serviços da construtora; era ela a responsável por todo o andamento da obra, não só daquele estabelecimento, mas das obras de toda a rede de estabelecimentos do qual fazia parte. Ela aparecia na obra somente para as reuniões gerais entre construtora e estabelecimento, reuniões estas que ocorriam em uma sala fechada na própria companhia. Sempre depois de uma destas reuniões que ocorriam esporadicamente, umas três vezes durante o mês e meio que permaneci em campo, seu nome aparecia de modo depreciativo ou nas reclamações, principalmente dos mestres-de-obras e de Luís. Ela a responsável por cobrar e alterar o cronograma e ajustes que ocorriam de forma imprevista durante o processo de andamento da reforma. Cobrava “*tintim por tintim*” o que estava nos projetos e não gostava de alterações, o que, segundo a engenheira, era impossível de não acontecer porque sempre ocorria falta de entrega de um fornecedor, ou mesmo aspectos climáticos que atrasavam a execução.

Outra mulher que aparecia de forma semelhante nas falas dos homens e da própria engenheira Fabiana era a arquiteta Paula, profissional de outra empresa que foi ao mesmo tempo contatada pelo estabelecimento comercial como responsável pela fiscalização da obra. Conheci-a logo no primeiro dia do meu campo e foi nosso contato mais duradouro, algo em torno de minutos. Fabiana apresentou-me logo que

a avistou na obra, falou o que eu estava fazendo ali e Paula se mostrou disponível para me ajudar na pesquisa. Ela era jovem, tinha entre 25 e 30 anos, magra, com cabelos compridos e loiros, com algumas mechas mais claras, sempre amarrados com uma presilha. Usava sempre roupas confortáveis – mas que marcavam o seu *status* social de classe média – calça jeans e blusas, e, diferentemente de Fabiana, Paula era mais jovial em seu modo de vestir-se. Seus olhos me chamaram a atenção, sempre inquietos e desconfiados; estava sempre na correria e era mais nova que a Fabiana – e menos experiente. Esta era a sua primeira obra de fiscalização, pois havia se formado há pouco, o que, por si só, gerava desconfiança nos seus “fiscalizados”.

Eu estive durante o trabalho de campo impregnada pelas falas negativas que escutava dos meus pesquisados, principalmente sobre sua inexperiência e sua rabugice, mas foram justamente estas falas que me proporcionaram o entendimento sobre a dinâmica das relações daquele espaço específico, assim como das hierarquias próprias da construção civil. Assim, mesmo que eu a tenha visto pouco na obra, estes momentos, quando aconteciam, foram importantes para eu pensar a lógica do grupo.

Sua rotina e estilo de mando na obra era um pouco semelhante aos de Fabiana. Assim que ela chegava percorria todas as partes onde as reformas estavam sendo feitas, conversando pontualmente com pedreiros e logo após se dirigia ao container da administração para falar com Luís, Ricardo e Fabiana. Suas perguntas eram sempre pontuais e ríspida: sobre o andamento do projeto, sobre os fornecedores, se as datas de entrega do material estavam todas como programado. Seu rosto permanecia sempre sério; quando sorria, seu sorriso era quase amarelo ou receoso, como o de alguém que não estava muito disposta a participar das conversas fiadas. Sua presença ali não durava mais que duas horas.

A forma como ela expressava as suas observações sobre o progresso da obra aliada ao seu pouco tempo no emprego geravam certa desconfiança da sua capacidade real de conhecer uma obra na prática. Sempre que ela queixava-se que algo tinha sido feito errado, como, por exemplo, um cano que foi colocado em lugar diferente do que o que estava descrito no projeto, Ricardo frisava que ela não sabia nada de obras; que as coisas na obra nem sempre conseguiam ocorrer conforme o

planejamento do projeto; que ela não podia levar tudo “ao pé da letra”, que poderia ser mais flexível.

Percebi que a forma como ela se expressava fazia parte do seu ofício enquanto fiscalizadora, pois seu trabalho era justamente dar ordem, exigir, cobrar, ações que não eram bem vistas pelos homens. Como eles consideravam estas ações negativas eles estendiam estas características como da própria pessoa, considerando Paula uma pessoa “*chata*”. Eles reclamavam ou debochavam da roupa, do cabelo, da cidade onde ela mora, da sua maneira falar. Ou seja, a depreciavam o tempo inteiro. Enquanto na sua frente, os homens com os quais ela conversava – que ficavam basicamente no contêiner administrativo – mostravam subserviência e escutavam com atenção seus apontamentos. Assim que ela se retirava, eram feitos os comentários e reclamações apontados na descrição acima.

Estes momentos podem ser refletidos a partir dos conceitos de roteiros encobertos de Brites (2000 **apud** Scott,1985) , entendidos como performances de todo e qualquer subalterno que, por não poder enfrentar o dominante, neste caso Paula, o faz por traz, dissimuladamente; pois à sua frente fingem obedecê-la e por trás enfraquecem sua autoridade falando dela de forma negativa.

Embora representasse um cargo de autoridade, a forma que ela desempenhava o mando e como era compreendida pela maioria das pessoas que trabalhavam naquela obra, a colocava em um lugar de não pertencimento, criando um claro distanciamento ou uma ausência de laços de um vínculo com o resto do grupo. Outra forma de não pertencimento pode ser pensado pela oposição entre trabalho manual e trabalho intelectual. Já que Paula acabara de sair da faculdade, com todo o conhecimento da teoria, mas com pouco conhecimento do dia a dia de um canteiro de obras. Segundo Ricardo, na construção civil o aprendizado se dá no cotidiano e não nas “*cadeiras da universidade*”.

Sobretudo o que ficava aparente era que ela não conhecia o código cultural daquele espaço. Apesar de ser superior nesta relação de trabalho ela parecia não entender o jogo cultural de gênero, pois naquele espaço mulher não pode afrontar explicitamente a autoridade masculina. E mesmo os homens têm que saber como fazê-lo. Nestes contatos - de Paula com o grupo de operários, mestres de obra e a engenheira encarregada da construção - ficou visível um distanciamento cultural de classe. Enquanto a engenheira Fabiana parecia comportar-se como um “mediador

cultural”<sup>20</sup>, pertencendo a um extrato de classe social superior da maioria dos trabalhadores da obra, sabia como comportar-se para garantir o respeito, Paula, entretanto, parecia desconhecer tais códigos.

Os fatos pontuados acima colocavam Paula como alguém de “fora”, alguém que não pertencia àquele grupo, como se percebeu em um episódio ocorrido um pouco antes da obra chegar ao final, quando Fabiana pediu demissão<sup>21</sup>. Logo no primeiro dia sem Fabiana, Luís olhou para mim e falou “*Agora tu és a única mulher aqui na obra*”. O interessante aqui é que neste momento foi quando eu mais avistei Paula na construção, se ao longo de um mês eu a vi umas três vezes lá, naquela semana ela apareceu no estabelecimento duas vezes.

A fala de Luís põe fim à brincadeira do bolão, descrito no capítulo anterior no meu primeiro dia de pesquisa no ponto comercial, demonstrando uma curiosidade em saber se eu continuaria indo na obra independente do fato de Fabiana ter saído e se eu “aguentaria” ficar até o final com “os locos”; ao mesmo tempo em que mostrava o não reconhecimento da presença de Paula na obra nem das outras mulheres, encarregadas da limpeza e da comida.

Dentre todas as mulheres aqui descritas, as faxineiras e as cozinheiras foram realmente eclipsadas no campo, a ponto de não saber nem seus nomes. Elas fugiram muito do meu olhar, pois eu ainda estava presa aos condicionamentos de um olhar gerado e de classe, prendendo-me de forma demasiada a um objeto idealmente construído. Em outras palavras, eu procurava o tempo todo compreender as relações dos pedreiros e de sua chefe engenheira. Essa certa “obsessão” por um objeto enturvava meu olhar para as outras personagens presentes nas cenas de campo; fato que pude elucidar a partir das análises dos diários e da construção da escrita etnográfica. Todavia, também constatei que estas mulheres também eram invisibilizadas pelos homens.

Quatro eram responsáveis pela limpeza, duas trabalhavam no turno da manhã e duas no da tarde. Destas ainda, três tinham mais de quarenta e cinco anos e a outra mais jovem tinha em torno de trinta anos. Trabalhavam de uniforme – um macacão azul – e com os EPI’s. Todo dia, ao chegar, dirigiam-se até o contêiner

<sup>20</sup> Karina Kuschnir e Gilberto Velho. Segundo os autores, os mediadores aceleram a comunicação, são intermediários entre mundos diferenciados, tradutores das diferenças culturais.

<sup>21</sup> O fator e as condições da saída de Fabiana desta obra em específico, mas não da empresa, pois ela continuou trabalhando nela, mas na parte administrativa, perto de sua casa, será melhor detalhada e explicada no capítulo quatro.

administrativo para pegar a chave da sala onde se encontravam os materiais de limpeza.

Suas responsabilidades eram limpar a sujeira deixada pelos trabalhadores da obra. Geralmente elas trabalhavam em lugares opostos aos pedreiros; posto que estes acabavam a reforma, terminando uma seção, elas se dirigiam a esse espaço para deixá-lo “apresentável”, já que o estabelecimento não fechou em nenhum momento durante a reforma. Assim suas tarefas eram deixar quanto fosse possível a presença da reestruturação imperceptível.

As cozinheiras eu conheci – no que chamarei de “casa masculina” no próximo capítulo – eram responsáveis pela alimentação dos operários; nosso encontro se deu quando fui almoçar com os rapazes. Era notório que estas mulheres não se espalhavam nos espaços da casa. Ao menos na minha presença, ficavam circunscritas ao espaço da cozinha e da sala principal. A relação destas com os homens se restringia aos seus chefes, mais especificamente a Ricardo e a Luis.

Diferentemente de Paula, a invisibilidade destas pode ser pensada a partir dos lugares e espaços que ocupavam na obra, na limpeza e na cozinha. Espaços que, no âmbito do privado ou não, são normalmente designados às mulheres (Brites, 2002) e que, no caso da minha pesquisa, estas mulheres permanecem como referencial tradicional de posições subalternas nas relações de trabalho. Entretanto, elas estavam lá e, de alguma forma, participavam do contexto pesquisado.

Outra dimensão que pode ser aventada é o fato de também algumas delas serem “mulheres disponíveis” ou “velhas demais”, estas com cerca de 50 anos. As “mulheres disponíveis” eram jovens e do mesmo estrato social e que em algum momento tiveram um relacionamento com os pedreiros, uma delas se relacionou com dois pedreiros não locais, em momentos distintos. No ar, sempre havia um jogo, ainda que aparentemente contido de sedução. O que efetivamente não acontecia com as mulheres mais velhas, pois estas tinham uma posição similar ao seu Norberto.

Do ponto de vista dos nativos a sexualidade em geral é vinculada a corpos jovens e saudáveis. Os “corpos velhos” apareceriam menos dotados de sexualidade, de modo que um sujeito que envelhece vai sucessivamente se dessexualizando. A forma de encarar estes corpos diferencia-se através de determinados marcadores sociais como classe e etnia (MAIA 2010; BORTOLOTTI, 2010). Em um homem

velho, como no caso do Seu Norberto, ainda se reconhece algum tipo de sexualidade, mesmo que tratado com jocosidade. Já as mulheres mais velhas, no entanto, aos olhos dos homens jovens dominantes, aparecem desprovidas de sexualidade, portanto estão “praticamente fora” do mercado de relacionamento. Entretanto, aqui estou tomando uma visão dos homens e mulheres jovens como um discurso dominante. Tenho consciência que não seria essa visão sobre sexualidade que eu teria ao escutar as mulheres e homens mais velhos.

Na dissertação de Gabriela Maia (2010), a autora buscava compreender as representações e significados da velhice e do envelhecimento em um espaço de sociabilidade masculina. Segundo ela a sexualidade era um elemento constitutivo destes homens, entretanto havia uma preferência por mulheres jovens, corroborando de algum modo a forma os informantes viam as mulheres da faxina e cozinha. Motta, segue o caminho inverso ao pesquisar mulheres que ela denomina de “mulheres faceiras”, para estas mulheres “velhas” a construção da identidade feminina está fundamentalmente ligada à sexualidade e sedução. Entre estas mulheres a alusão a vida sexual pode acrescentar-lhes prestígio.

Pensando nestas descrições acima, podemos perceber que são diversos os fatores que tornam essas mulheres invisibilizadas nesse contexto. Todas elas em certa medida possuem inscrições de subalternidade de gênero ocupando papéis tradicionalmente femininos nas relações de trabalho. No caso das mulheres “mais velhas” estas continham também marcas geracionais. E mesmo as “mulheres disponíveis” que não eram invisibilizadas pelos pedreiros, elas não eram pensadas como uma possibilidade de relacionamento entre os homens de hierarquia mais elevada como os mestres-de-obras, ou os chefes setoriais.

Então o que distinguia Fabiana e eu das demais mulheres?

Embora, eu de certa forma me parecesse em termos de lugar de classe com Fabiana, tentando acompanhá-la mantive a mesma ética de não ser intromissiva, de ser discreta e de não dar chances para insinuações de namoro ou paquera. Sempre que alguma pergunta um pouco dúbia chegava até a mim, onde os homens sondavam se eu estaria de certa forma disponível, puxava a identidade do meu namorado imaginário para manter distância. Assim, fui compreendendo que na moralidade deles, apesar da “pegação”, da constante enunciação dos dizeres sexualizados, o que um homem respeita naquele espaço é uma “mulher séria”. Além

de ser séria, honrada, ela tem que mostrar que obedece as hierarquias de gênero não mandando diretamente, não humilhando os homens em condições subalternas.

Toda esta experiência me levou a compreender não somente as dinâmicas de gênero, de mando e hierarquia na obra, mas também me ensinou que, apesar de todos os manuais de como fazer etnografia, é no fazer etnográfico e na escrita que se aprende sobre o ofício antropológico, pois uns dos equívocos comuns em etnografias mencionados por Fonseca no texto “Quando cada caso não é um caso”, eu cometi ao olhar somente para aquilo que os homens que eu pesquisava olhavam assim “comendo pela boca do informante”. (FONSECA, 1999).

Certamente aqui volto aos limites em um trabalho de campo curto, onde muito destes problemas e insucessos da minha pesquisa poderiam ter sido evitados, ou mesmo melhor analisados, e pontuados se meu tempo entre os pedreiros tivesse sido maior. Como eu sabia de antemão que a obra estava acabando e que eu teria no máximo um mês e meio para pesquisar, optei por uma intensa imersão. Como expliquei no capítulo sobre a rotina da obra, chegava à obra às sete da manhã e saía mais ou menos às sete da noite. Com isso, só me preocupei com a análise dos dados após o término da pesquisa.

Segundo Geertz (1997), é na experiência distante que a experiência próxima – o que recolhemos no campo a partir do diário de campo – começa a fazer sentido, é o que transporta para cá o conteúdo acumulado e adquirido. E foi neste percurso de estar distante que pude perceber o quanto obliterei estas mulheres na construção do diário de campo. Uma das interpretações possíveis é a de que fui conduzida a este “erro”, pois os próprios homens da construção desconsideravam em parte estas mulheres como parte do grupo, como pode ser demonstrado um pouco na fala de Luís acima; em que, na ausência de Fabiana, eu fui considerada a única mulher na obra.

### 3.3 Descrição das personagens, lugares e espaços

O estabelecimento comercial contratou para a reforma duas empresas, uma responsável pela execução da obra, e outra responsável pela fiscalização da

mesma. Sendo que a responsável pela comunicação entre o ponto comercial e a empresa construtora era feita por outra engenheira, Flávia - a qual era responsável geral por todas as construções e reformas que esta rede de lojas fazia no Rio Grande do Sul, ou quando esta não estava se reportavam ao gerente local - Fernando.

O quadro de profissionais da construtora era formado pelos donos Luís e Otávio, pela engenheira Fabiana, pelos três mestres de obras – Ricardo, Taislan e Gustavinho - e cerca de dez pedreiros. Luís morava na cidade sede da reforma, já os outros não, destes Fabiana ficava durante a semana em hotel e Otávio também nas poucas vezes em pernoitou na cidade, enquanto os pedreiros e mestres de obras dormiam em uma casa alugada pela construtora<sup>22</sup>.

Ricardo era o principal mestre de obras, todos os “problemas” e seguimentos da reforma passavam por ele. Estava sempre com o telefone no ouvido, falando com fornecedores, com o chefe, organizando de forma prática o funcionamento da obra. Embora Ricardo e Taislan sejam seguranças da área do trabalho, Ricardo atuava como mestre de obras, pois ficava o dia inteiro circulando pelo estabelecimento. Taislan trabalhava grande parte do dia em frente do computador com funções administrativas no container central. Mas como não havia uma delimitação entre mestre de obra e segurança de trabalho, chamarei a todos eles de mestre de obras ao longo do texto.

Esta grande empresa contratava outras empresas para prestação de alguns serviços, como hidráulica que possuía seus próprios trabalhadores e um chefe chamado Alex e um responsável pela elétrica que também possuía seus próprios funcionários. Seu Garcia era responsável pela contratação de pedreiros locais. Também havia uma empresa de basalto de Santa Catarina representados na obra por pai e filho. Ainda outra empresa de São Paulo era responsável pela parte de informática, que enviou três funcionários para a realização dos serviços. O alojamento de todos estes trabalhadores era dever das empresas da qual faziam parte. Que ficavam em hotéis ou como arrumavam um apartamento comum para os trabalhadores, como fez a empresa de hidráulica e elétrica que alugou um apartamento único para ambos os trabalhadores<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Esta casa será descrita com mais detalhes no capítulo três.

<sup>23</sup> Importante perceber aqui os elementos de terceirização do trabalho e flexibilização da obra "A terceirização expressa o recurso gerencial pelo qual uma empresa transfere parte de sua atividade-

Além destas empresas terceirizadas a própria construtora contratou também seis mulheres locais para funções tradicionalmente destinadas ao gênero feminino-limpeza – trabalho que era realizado na própria obra e preparação de alimentos estas profissionais trabalhavam na casa alugada pela construtora.<sup>24</sup>

Nesta obra, no momento de minha investigação, havia trinta pedreiros homens que eram contratados locais e vinte trabalhadores especializados: em hidráulica, dois basalteiros<sup>25</sup> e cinco pintores oriundos de outras cidades. Uma casa e um apartamento foram alugados para alojar, como dormitório e refeitório, tais trabalhadores.<sup>26</sup>

A reforma realizada pela construtora foi de grande porte em um espaço comercial que nunca fechou suas portas. Assim os sinais de reforma e a presença da empreiteira eram fortemente percebidos em todos os espaços da empresa. Ela estava disposta em diversos lugares, tanto na parte interna, quanto na externa do estabelecimento.

Nestes lugares havia cinco *containers* importantes para a instalação da obra, com a função de abrigar trabalhadores e materiais. Um container administrativo, onde a engenheira, o dono da empresa Otávio - que eu vi duas vezes -, o seu sócio Luís, o mestre de obras e os dois trabalhadores da Segurança do Trabalho faziam a maior parte de suas tarefas. Este primeiro container não era grande, mas tinha comodidades que os outros não possuíam, tais como ar-condicionado, geladeira sempre com garrafas de água pequenas à disposição, duas poltronas confortáveis, além de um banquinho. Ali também era onde ficavam o projeto da reforma, os computadores e algumas ferramentas de custo mais elevado. Ele se localizava a frente do estabelecimento a ser reformado.

Os espaços não são apenas distribuições pragmáticas, nem aleatórias, eles representam a concepção social das coisas. No caso da minha pesquisa, o lugar central do container administrativo representava a importância e a hierarquia de

---

fim -- industrial, de serviços, agroindustrial -- para outra unidade empresarial tendo em vista tornar mais flexíveis a organização e as relações de trabalho, além de desenvolver maior especialização das atividades." (Dicionário do Trabalho e Tecnologia, 2006, p.423).

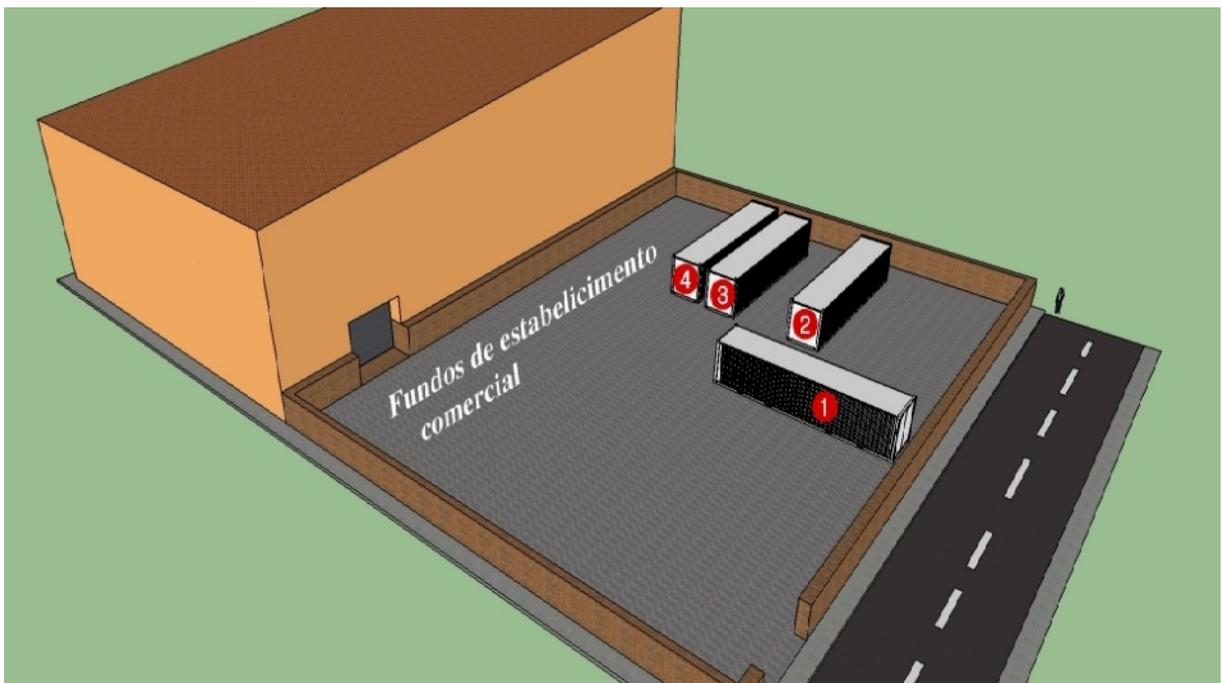
<sup>24</sup> Os estudos sobre trabalho e gênero remarcam que, a despeito das mudanças no mercado de trabalho nas últimas décadas, as tarefas de cuidado são destinadas massivamente às mulheres (BRITES, 2000; BRUSCHINI, 2007).

<sup>25</sup> São chamados de basalteiros por serem responsáveis por colocar o basalto, uma rocha utilizada em pisos de muitos estabelecimentos comerciais em função da sua durabilidade.

<sup>26</sup> Os basalteiros eram de uma empresa específica de Santa Catarina, eram dois homens pai e filho. Esta obra como é comum na literatura das ciências sobre trabalho e se dá a partir de contratações terceirizadas na subcontratação de empresas menores, em uma dinâmica de dependência mútua.

quem era dono ou chefe e obviamente a de quem obedece; mostrando o espaço profissional e de classe de quem ocupa estas funções e lugares. Por exemplo, um dos fatores que me chamou atenção foi de que os pedreiros assinavam seu ponto no container do almoxarifado onde ficavam os equipamentos da empresa, ou seja, os pedreiros estavam misturados às coisas utilizadas na obra. Assim as pessoas de menor prestígio e posição menos destacadas na obra, usavam espaços residuais, embora tivessem um container com armários para que os pedreiros guardassem suas roupas de chegada e a saída da obra ou mesmo os seus objetos pessoais - pequenas malas e sacolas -, seus capacetes e as luvas não eram individualizados, indicando que eles formavam uma massa não individualizada. De forma similar, alguns autores falam sobre essa dimensão social do espaço que demarca hierarquias, quando referem-se, por exemplo, aos quartos-de-empregadas nos lares brasileiros (BRITES, 2001; GOLDSTEIN, 2000 apud BRITES 2000).

**Fig. 1 – Fundos do estabelecimento comercial**



Seguindo esta lógica, nos fundos do estabelecimento ficavam os outros quatro *containers*. *Estes containers* [3] e [4] ficavam dispostos lado à lado. Neles guardava-se os materiais de elétrica e hidráulica, além dos pertences pessoais dos trabalhadores. Nestes dois *containers* havia duas mesas grandes, onde os pedreiros se reuniam para tomar coletivamente café, com mantimentos que eles compravam em padarias próximas. Geralmente usavam canecas velhas para tomar o café, mas, se preciso, cortavam uma garrafa pet, utilizando a parte inferior como recipiente. Isso não é sinônimo de miséria, mas de um estilo de vida de quem é forte e “sem frescura”, como o cimento é bruto e áspero, ou como um homem deve ser.

O container [2] ficava mais afastado, mas ainda ao lado do [3] e do [4]. Nele ficavam os materiais da construtora (almoxarifado), e havia sempre um rapaz atendendo aos demais operários. Rafael era responsável por anotar o ponto e cada ferramenta retirada e devolvida pelos pedreiros. Ali também havia uma geladeira pequena onde os pedreiros pegavam água, mas, diferente do container da administração, a água ali era retirada da torneira e armazenada em garrafas pet de dois litros. Ali, no local masculino de descanso, também estavam dispostos na parede três pôsteres tradicionais de mulheres em roupas íntimas, em poses provocativas, sendo que em uma das fotografias - em que uma mulher desconhecida aparecia de costas evidenciando exuberantemente suas nádegas -, podia-se ler um rabisco escrito à mão: “rabão”. Outro pôster era um pouco mais comportado, mas mostrava a atriz global Flávia Alessandra de biquíni, uma mulher que para esses homens era “gostosa”.

Quando perguntei a Rafael sobre esses cartazes, este me contou que já estavam ali quando ele começou a trabalhar, tendo sido postos por outro funcionário que trabalhou no local antes dele, já que Rafael era o terceiro homem a exercer esta função. Estes funcionários anteriores eram diferentes, pois eram pedreiros que Garcia alocava na função de controle do ponto e das ferramentas, já Rafael era um amigo de Garcia, o que lhe dava um *status* de respeito. Esse lugar de respeito pode ser pensado, por ele ser alguém “de fora”, mas também por ser alguém muito próximo do chefe. Ser “alguém de fora” e, portanto, diferente era um fator sempre evidenciado por ele em suas falas: “*Sou um cara de família, minha mulher está grávida e estou juntando dinheiro para terminar a construção que comecei em um terreno nos fundos da casa do meu sogro*”.

O tom da sua fala era de alguém "inocente", como forma de distinção e para atestar que não era "malandro" como os outros homens, até porque ele estava conversando sobre os cartazes comigo, que naquele lugar era considerada uma "mulher de respeito", mais velha, de outro extrato social e além disso, muito próxima à chefia - já que não se fala de uma mulher como um objeto sexual para qualquer mulher.

O *container* [1] ficava de frente para o *container* de Rafael. Nesse havia dois armários azuis de aço, um de frente para o outro, com divisórias fechadas, onde os pedreiros guardavam seus pertences pessoais. Rafael era o responsável por abrir o container pela manhã, ao meio-dia, no intervalo da tarde e no fim do expediente. Segundo ele, era ali que alguns pedreiros ficavam "*matando tempo*" em vez de trabalhar.

É justamente neste espaço que consegui conversar mais tempo com os pedreiros; sentava em um banquinho com meu caderninho e fazia perguntas sobre a vida deles, trabalhos anteriores, quanto tempo trabalhavam na profissão, etc. Geralmente os homens que eu conseguia abordar eram mais velhos, pois eles paravam mais para tomar água e ficavam no entorno deste container. Os mais jovens, no máximo, aproximavam-se, pegavam as ferramentas e saíam o mais rápido possível.

### 3.4 Rotina da Obra

Quando eu chegava à obra, por volta das sete horas e quarenta e cinco minutos, os pedreiros já haviam tomado café. Minha primeira ação era me dirigir ao banheiro do estabelecimento para trocar de roupa, colocar a camiseta da empresa, as botas, prender o cabelo e colocar o capacete, para, então, encontrar Ricardo e Fabiana. Geralmente o primeiro já estava trabalhando e um pouco mais tarde eu encontrava com Fabiana.

Como ritual de trabalho, todo dia, ao chegar à obra, a engenheira se dirigia primeiramente a Ricardo perguntando o que havia sido feito na sua ausência, sobre alguns problemas ocorridos, ou seja, tomava com ele algumas informações gerais

sobre o andamento da obra. Em seguida inspecionava a obra, olhava principalmente a partir dos relatos de Ricardo, e se dirigia à cafeteria do estabelecimento para tomar seu café da manhã, geralmente com Ricardo e Taislan.

Os trabalhadores preparavam seu próprio café e tomavam coletivamente em um dos *containers*. Quando eu chegava já estavam trabalhando sobre as ordens de Ricardo. A engenheira, os mestres de obras e um e outro pedreiro mais antigo tomavam café em uma lanchonete próxima à obra.

Conforme os dias foram passando, fui reconhecendo que, embora Fabiana passasse por toda obra, a sua fala era restrita a determinadas pessoas, como o sócio da empresa, o mestre de obra, os responsáveis pela elétrica/hidráulica/pintura, mas era com Ricardo que ela mais conversava. Contudo, dirigia-se pouco aos pedreiros e quando isso ocorria era em tom ameno e como um aviso, jamais em tom de ordem, por que estes não estavam trabalhando ou quando não estavam usando os EPI (Equipamentos de Proteção Individual), como, por exemplo, capacetes, botas, protetores auditivos. Ou seja, as ordens significativas e mais enérgicas nunca eram dadas diretamente aos pedreiros por Fabiana. Esta acionava Ricardo que comunicava o que deveria ser feito aos trabalhadores.

Ao meio dia todos<sup>27</sup>, menos a engenheira, se encaminhavam à casa alugada pela construtora para o almoço e descansavam para retornar às duas horas da tarde e seguir o trabalho até as seis horas da tarde.

---

<sup>27</sup> Alguns dias Ricardo, Taislane Alex almoçavam em um restaurante próximo para não se ausentarem tanto tempo do estabelecimento; nestes dias eu almoçava com eles.

## 4. A CASA MASCULINA

Neste capítulo será descrita o que denominei como casa masculina, como a conheci e as relações estabelecidas neste lugar entre os pesquisados e entre eles e a pesquisadora. Aqui o ambiente de descontração era maior, já que “fora” dos limites da reforma, mas mesmo assim um lugar que reitera e marca a masculinidade destes sujeitos. Neste lugar, quase não havia mulheres, e as que haviam, tirando a presença da pesquisadora, ocupavam lugares tipicamente femininos, as cozinheiras descritas no capítulo anterior ratificando este como um lugar extremamente homossocial e importante para eu pensar os contextos de gênero destes sujeitos.

### 4.1 Descrevendo os espaços, lugares e contextos

Daniel Welzer-Lang (2001), no texto “A dominação do masculino: dominação das mulheres e homofobia” constrói um panorama sobre espaços e lugares que produzem e reiteram a identidade e a dominação masculina através do *habitus*, do ideal viril, homofóbico e heterossexual. Estes recintos são denominados de “casa dos homens”. No início do texto, o autor relata o lugar na aldeia frequentado somente por homens, onde se legitima e se ensina aos meninos da tribo o que é ser homem naquele lugar. Ele compara “as casas dos homens” aos lugares na cultura ocidental onde se aprende a masculinidade, como o esporte, por exemplo. A casa que eu pesquisei pode não ser um espaço onde se aprende o que é ser masculino na cultura ocidental, mas certamente reforça e legitima características de um determinado modelo de masculinidade que eles incorporaram ao longo de suas vidas.

A casa alugada pela empresa ficava a uma quadra da obra e dormiam lá uma grande parte dos empregados não residentes na localidade da pesquisa. Nesta casa também almoçavam todos os trabalhadores da obra. Fui convidada a ir almoçar nesse lugar logo no início do meu campo, entretanto tive certo receio de entrar neste espaço nos primeiros dias. Era um ambiente muito masculino; a própria engenheira nunca frequentou aquele espaço e eu, mesmo sempre sendo respeitada, sabia que

eu cumpria uma performance de “mulher de bem”<sup>28</sup> (BRITES, 2000). Eu pressentia que não era um lugar para uma mulher frequentar impunemente. Mesmo que se tratasse de imaginação minha, eles eram trobriandeses para mim e o código de conduta daquele grupo ainda estava sendo lido. Talvez, tenha sido uma estratégia errada em campo, já que o convite demorou a acontecer novamente e só aconteceu por certa insistência da minha parte.

Muito tempo depois, quase no final da pesquisa empírica, com medo de não ter outra oportunidade, me convidei quando os trabalhadores estavam saindo para o almoço. Solicitei com certo embaraço que Ricardo me acompanhasse ao recinto e, mesmo que a sua intenção fosse almoçar no local da obra, ele mudou de ideia e me acompanhou de forma solícita. Apesar de quase todos os trabalhadores irem a pé até a casa, eu e Ricardo fomos com o carro da empresa. Assim que chegamos, desci do carro, uma Kombi, e caminhei em direção a ela, tentando observar tudo o que eu podia.

O domicílio era grande e de madeira, apenas com as paredes da garagem, e o banheiro, construídos com alvenaria; a garagem ficava bem na frente, ao lado da entrada principal. Logo na entrada, na sala, havia uma mesa de madeira grande encostada em uma dessas paredes, com um banco do outro lado, o qual abrigava uma televisão pequena. Em outra parede estavam os mantimentos, sacos de arroz, feijão, milho, sal, açúcar. Era nesta sala que os mestres de obras geralmente almoçavam.

Na frente, ainda ao lado da sala, ficava um dos três quartos<sup>29</sup> que a casa possuía; ali se encontravam três beliches e mais alguns colchões espalhados pelo chão. As roupas estavam sobrepostas nas malas ou penduradas nas camas, nenhuma delas estava arrumada ou estendida. Eu não entrei no quarto nem fiquei muito nele, pois era o momento do descanso, assim estavam ali cinco homens em silêncio e dois deitados.

---

<sup>28</sup> A pesquisadora descreve um momento de campo no qual participava de uma festa na comunidade pesquisada e percebeu que havia uma performance de mulheres “de bem” e mulheres mal vistas pois bebiam cerveja. Ao recusar a cerveja oferecida por um de seus informantes ela se junta ao rol das “mulheres de bem”, conseguindo assim o respeito dos homens locais.

<sup>29</sup> Ele está descrito como quarto [1] na planta.

**Fig. 2 – A casa Masculina**



(Foto meramente ilustrativa, não corresponde fielmente os espaços, o objetivo é ajudar o leitor a visualizar o formato da casa)

Assim que se atravessava a sala, estava a cozinha. Esta possuía um fogão profissional de cinco bocas, uma estante com muitos copos, pratos fundos – na sua maioria – e talheres. Os mestres de obras se serviam na cozinha e iam almoçar na sala, mostrando que também naquele espaço, intragrupo, havia posições hierárquicas a serem respeitadas. Depois da cozinha havia o banheiro; pequeno, sujo para os padrões aos quais eu estava habituada: o chão era cheio de terra das botas dos trabalhadores, o espelho respingado de pasta de dente, a pia com pelos, cheiro forte de urina e o box era uma varal para as cuecas: umas quinze cuecas, de todos os tipos, tamanhos e cores possíveis.

Na frente deste banheiro havia mais dois quartos, um deles semelhante ao primeiro, e outro, menor, só com duas camas e um colchão. Neste, avistava-se uma bicicleta pendurada na parede pertencente a Taislan; também era este o único quarto da casa que possuía uma televisão pendurada em uma estante presa na parede ao lado da porta. Ali dormiam Taislan e Ricardo, os dois seguranças do trabalho que, por terem um lugar superior na hierarquia de profissões, tinham mais

privacidade e regalias. Ricardo contou-me que, quando tinha muita gente na casa, ele ia dormir em um hotel, tal qual Taislan.

Nos fundos da residência foi construído um “puxadinho” com o telhado de folhas de alumínio e as paredes de um plástico transparente. Neste espaço foram dispostas três grandes mesas de madeira com bancos, parecido com um refeitório, onde a maioria dos trabalhadores almoçava. A comida era colocada em outra mesa menor no mesmo local. Os trabalhadores chegavam pela garagem, ou seja, não passavam pelo interior da casa, faziam fila em frente a esta mesa menor e se dirigiam, após se servirem, às mesas maiores.

Mais ao fundo deste espaço de “almoço” havia um gramado, com vários materiais da obra. O que mais me chamou atenção foi que, nestes espaços, ao ar livre, havia diversas latas de cerveja, muitas mesmo. Em todo lugar que se olhava havia latas amassadas e vazias. Elas ficavam no chão em vários “montinhos” e também dentro de uma churrasqueira de metal. Jardim (1991) apontou, em sua pesquisa sobre masculinidade, em bares porto alegrenses, que a bebida é performática de uma identidade masculina das classes populares. Esta etnógrafa mostra que a ingestão de bebidas alcoólicas relaciona-se tanto com a auto-imagem do homem sobre o controle e resistência de seus corpos, mas também de controle sobre o corpo (não cair bêbado, não ser carregado por outros). Esta autora ressalta o quanto na produção de hombridade o corpo é um significante da experiência masculina.

as habilidades masculinas evocadas pelos homens possibilitam a negociação de um valor ao sujeito masculino: afirma que um homem “tem de ser” forte, tem que se impor, tem que dominar o vagabundo só com o olho (Jardim, 1995, p. 201)

Vale de Almeida (1995) também analisou o ato de beber, mas, além dele, o de fumar, conversar, competir e brincar como atividades coercitivas. Estas são atividades que não são realizadas com qualquer tipo de homem, mas com seus iguais. Outro fato interessante apontado pelo autor é relacionado a quem paga a bebida

A bebida só raramente é paga pelo próprio e por ele consumida a solo. Mas pagar aos outros e com eles beber vai além do cálculo individual e da reciprocidade. A comensalidade assemelha-se a já referida cópia do ‘movimento geral de toda a sociedade’, o que se pode ver no facto de a reciprocidade da oferta de bebidas nunca ser imediata, mas sim diferida no

tempo. Exprime ainda um ideal político que é a da igualdade fundamental dos homens: como comunidade, como grupo social (trabalhadores), como gênero; constitui alternativa à ausência de reciprocidade na relação assalariado-patrão. (ALMEIDA, 1995, p. 187)

Na casa masculina que visitei Luis e Otávio eram aqueles que pagavam a bebida e também a comida nos finais de semana, onde se faziam grandes reuniões. Estas reuniões eram acompanhadas por cerveja e churrasco – para os que ficavam na localidade, pois alguns passavam o final de semana nas suas cidades de origem. O fato pode ser pensado também na esteira de como analiso no capítulo a seguir: as brincadeiras e “zoações”. Estas brincadeiras e “zoações”, assim como estes momentos de lazer serviam para amenizar a rigidez das hierarquias. Pois beber em um ambiente homosocial parecia apagar, mesmo que por um curto espaço de tempo, as hierarquias entre os homens.

No espaço de homosociabilidade a masculinidade deve ser testada continuamente, pois não é estável. Apresentando aspectos duais, ao mesmo tempo em que os une, coloca-os em lados diferentes da relação; por isso “o jogo de beber continuamente, de pagar e ser pago, cria superioridade e inferioridade em constante rotação entre iguais relativos” (Almeida, 1996, p.188).

Se beber conjuntamente cria uma equidade momentânea, quando Luis (um dos sócios da construtora e responsável geral por esta obra) e Otávio (sócio majoritário da empresa) pagam a bebida e a comida para os pedreiros, ao mesmo tempo, implicitamente demonstram a sua superioridade; ou seja, quem pode pagar. Aqui um elemento interessante dessa “instabilidade” mencionada por Almeida se coloca. Se não pagam o churrasco, Luis e Otávio pareceriam mesquinhos e abusadores de homens que tem menos poder aquisitivo, mas se pagam, seguindo a lógica do dom (Mauss, 2003), também demonstram a primazia do doador e o desequilíbrio instaura-se novamente.

Assim, uma premissa das relações entre homens pode-se depreender: as relações entre homens são sempre perigosas, pois se reconhece que todas as coisas e seres respondem a uma hierarquia - daí a superioridade dos homens em relação às mulheres, a superioridade de quem controla seu corpo – entre os homens que bebem e a superioridade de quem sabe mandar. Ao mesmo tempo ser homem é não admitir-se como inferior. Estas relações estão todo tempo permeadas por tensões agonísticas, apaziguadas pela comensalidade e pela camaradagem.

Ainda podemos seguindo Mauss(2003) a ideia de dar, receber, retribuir, gera um contrato ou uma regra social de reciprocidade que não é meramente econômica. Segundo o autor, o *hau* é um poder espiritual do doador contido em todas as propriedades materiais que acompanha o que é dado, até que o objeto retorne ao seu lugar de nascimento. A noção de *hau* revela *que dar e receber* é muito mais do que uma simples troca material; é um vai-e-vem de relações sociais.

Na pesquisa de Brites (2000), a autora utiliza a lógica do dom através do *hau* na sociedade Maori para pensar as relações desiguais entre patroa e sua empregada. A patroa quando oferece presentes (interpretado sociologicamente apenas como pagamentos extra-salariais, ao doar uma mesa usada, por exemplo, espera que não estar doando somente bem material, mas, segundo suas palavras, “está ganhando cinco anos de fidelidade e dedicação desta pessoa” (BRITES, 2000).

Luís e Otávio quando pagam a bebida entendem que há uma lógica da estrutura subjacente em que se espera em troca desta “dádiva” a subserviência de seus empregados. Todavia, é preciso saber dar/mandar, pois na oferta de presentes, não pode ficar explicitada uma distância muito grande entre doador e receptor que venha marcar de modo muito profundo a desigualdade entre ambos. Se a desigualdade é explícita, ela precisa ser compensada por rituais que a amenizem e mostrem a fragilidade do doador ao receptor.

#### **4.2 Hora da “bóia”: mais do que uma refeição, momentos de lazer e das relações interpessoais**

Assim como as relações de poder entre patrão e empregado, podemos refletir sobre estas correlações entre pesquisador-pesquisado. Como já relatei anteriormente, o meu lugar naquele espaço e o fato de eu realizar esta pesquisa e todo meu *hexis* corporal de classe média me colocava em uma relação de poder que me aproximava dos dominantes. No primeiro dia em que fui almoçar na “casa masculina” percebi que havia duas entradas para o complexo dos fundos que era utilizado como refeitório.

Podia-se entrar pela garagem na parte lateral da casa, lugar que os pedreiros utilizavam para fazer fila e almoçar, ou por dentro da casa, por onde os mestres de obras entravam para comer. Eu, naquela manhã, entrei na casa pela sala juntamente com Ricardo. No desejo de tentar mapear o lugar avistei as mulheres na cozinha terminando de preparar o almoço e arrumando a mesa nos fundos em que colocariam as grandes panelas para os pedreiros se servirem. Logo que percebi que os pedreiros se dirigiam para a garagem e ali faziam uma fila para almoçar, sai da casa pela parte da frente e me dirigi à garagem, entrei no final da fila que se formava, pois a intenção era sentar-me à mesa no “puxadinho” junto com eles.

Mas, claramente não sendo deste lugar, as pessoas não consideravam que eu devia respeitar as mesmas regras, mesmo diante da minha insistência em ali permanecer. Começou-se uma discussão entre os homens para que os primeiros da fila cedessem o seu lugar para mim, eu educadamente neguei o favor, permanecendo no mesmo lugar, entretanto, assim que as mulheres chegaram com o alimento e me avistaram da porta da cozinha me chamaram para que eu pegasse a comida na cozinha, dizendo que a “comida direto do fogão era melhor”. O tumulto continuou, a elas se juntaram alguns homens da fila afirmando que era realmente um lugar melhor para que eu comesse. Fiquei atrapalhada, não sabendo qual regra seguir, mas acabei servindo-me na cozinha e indo almoçar na sala com os mestres de obra – outra sugestão das mulheres, para não atrapalhar o almoço concorrido de muitos pedreiros.

Na sala sentamos a mesa eu, Ricardo, Gustavinho e Taislan. Todos eles estavam concentrados no noticiário de esportes que passava na televisão que ficava na ponta da mesa. Na sala estavam alguns outros pedreiros, alguns que estavam alojados na casa, mas mesmo estes não se sentaram à mesa, um deles ficou sentado na escada da porta, outro foi almoçar no quarto e um terceiro permaneceu em pé enquanto comia. Todos também concentrados no televisor.

Havia um código de ocupação dos espaços marcado pelas hierarquias da obra. Se pensarmos no episódio da fila, aquela cena causou tumulto, pois as mulheres e mesmo os homens reconheceram logo que eu não era uma igual – ou porque eu sou mulher, ou porque eu era alguém associada as pessoas da administração. Almoçar com os pedreiros também poderia ser pensado como um disruptor porque eles mesmos não saberiam como portar-se se eu tivesse ficado ali;

Esses fatos ressaltam o código de hierarquia dali e como eu ficava misturada – entre ser uma mulher, mulher-jovem e estar com a administração. O que demonstra também que principalmente as mulheres, que me viam pela primeira vez, estavam tentando saber quem eu era, do mesmo modo em que não queria ferir as hierarquias.

Cláudia Fonseca (2009) relata uma experiência semelhante na África, em que, durante uma festa, se encontrava em pé juntamente com as outras pessoas e foi convidada a sentar-se numa poltrona, pois esse era um lugar de prestígio geralmente ocupado por anciões e convidados. Assim, recusando-se ao lugar de prestígio que a deferiam deixou de seguir as etiquetas locais, e de certa forma, foi mal interpretada.

O que estes fatos nos mostram é que, evidentemente, tanto a autora, quanto eu, não queríamos este lugar diferenciado que nos colocaram, esperávamos de certa forma um lugar de igualdade, ao mesmo tempo sabendo e ignorando de forma intencional todos os marcadores sociais que separavam estes grupos dos nossos. A mesma acabou sendo expulsa da festa. Eu, para não correr o risco de perder meu espaço no campo, acatei a posição em que me colocaram.

No mesmo dia em que fui almoçar na casa, convidaram-me para um jantar que aconteceria à noite e seria preparado por Taislan; a receita da noite seria um *entrevero*<sup>30</sup>. Aceitei o convite prontamente, pois agora já havia uma intimidade com o grupo, principalmente com os mestres de obras, que me proporcionava certa “segurança”. No dia e horário combinados me dirigi à casa para o jantar. Chegando lá encontrei alguns homens na sala, outros estavam no quarto e uma grande maioria tinha ido visitar suas famílias, já que era véspera de feriado. Na cozinha ficavam somente Taislan, já no preparo da comida, Ricardo, que andava de um lado para outro e Gustavinho, sentado em um banquinho de madeira perto do corredor. A cozinha era tomada somente pelo grupo que ofereceria o jantar: os mestres de obras.

É perceptível que os ambientes da casa são extremamente segregados, onde fica o dominante não fica o subalterno, mas conforme quem ocupa e quando ocupa

---

<sup>30</sup>O *entrevero* é uma comida típica dos gaúchos. A receita consiste em vários tipos de carne: bacon, carne bovina, carne de porco, pedaços de peito e coração de frango e linguiça, fritos em um “disco de arado” (panela de ferro semelhante ao formato de uma panela work), próprio para grelhados em um fogareiro. Além das carnes junta-se cebola e outros tipos de temperos como pimentão.

estas configurações de espaço podem mudar. Acabei ficando a maior parte do tempo com os homens na cozinha, conversando sobre as coisas da construção ou sobre cotidiano como, por exemplo, jogos e times de futebol. Os outros homens da casa apareceram somente quando a comida já estava preparada, apenas se serviram e retornaram aos seus espaços anteriores, não havia mulheres naquele dia além de mim, o que marca claramente a homossociabilidade daquele lugar.

A casa masculina era o espaço de sociabilidade destes homens, espaço onde se aprendia e se reiterava o que um homem deve ser para eles, portanto, sem decoração, sem preocupações com beleza. Havia desordem, sujeira, comida e bebida fartas. O que demonstra características da masculinidade daqueles homens.

Do mesmo modo ficam dispostas, tacitamente, relações de classe e hierarquia, como quando exemplifiquei os lugares ocupados por cada um ao se sentar para o almoço.

Neste dia conversei mais com Gustavinho, uns dos mestres-de-obra, jovem, forte e bonito. Era ele quem, sutilmente, mais tentava me ler, provavelmente na tentativa de descobrir se eu era uma mulher disponível. Toda vez que ele me via saindo de um dia de pesquisa me oferecia uma carona, que eu aceitava prontamente, primeiro por achar que nestes momentos a sós eu conseguiria conversar abertamente sobre o dia-a-dia da obra, e segundo porque o meu local de moradia era relativamente distante do ponto comercial.

Nossa conversa girou em torno do meu namorado imaginário, sobre o nosso “relacionamento” e sobre relacionamentos em geral. Gustavinho me contou a sua vida e sobre o filho que joga no juvenil de um grande time da capital, e sobre as expectativas de vida desse filho que mesmo menor de idade já ganhava um salário maior que ele, mostrando que o futebol ainda é uma escolha de ascensão social dos grupos populares. Gustavinho falava com orgulho desse filho e da relação “*bacana*” que inda mantinha com a ex-mulher, jê que no momento da pesquisa estava solteiro.

Eu nunca recebi nenhuma cantada declarada dele, mas a sua preocupação e interesse em saber da minha vida, podem ser encaradas dessa forma. Sempre que podia gostava de saber mais da minha relação de namoro, do que realmente sobre mim. Gustavinho, sabia que eu estava dando aulas para os alunos de graduação como parte da avaliação obrigatória da disciplina do mestrado de docência orientada. Em algum momento das conversas ele me perguntou se sobre as roupas

que eu usava para dar aula. Eu disse que eram muito diferentes das que eu costumava usar na obra, mais despojadas, tais como saias longas, vestidos e muitos adereços, brincos, pulseiras, colares. Assim, as roupas que eu usava eram muito diferentes da forma neutras que eu costumava usar durante a pesquisa na reforma. Em um momento da conversa sobre o meu suposto relacionamento Gustavinho perguntou?

Mas teu namorado deixa tu sair assim? Arrumada?. Continuando a dissertar:

Os alunos nunca cantaram uma professorinha tão bonita. Confesso que fiquei um pouco atônita, pois este era o tipo de pergunta que eu estava com medo de receber e responder, mas respondi:

Meu namorado não escolhe minhas roupas, eu gosto de me sentir bem, e ele me conheceu assim, então se ele não gosta das roupas que eu visto nunca me disse nada. Emendando logo a seguir:

E quando aos alunos, acho que até pode ter algum interesse, mas eu nunca dei importância, ou me preocupei com isso, porque o que importa é a forma com que eu me relaciono com eles e as responsabilidades que eu tenho.

Neste capítulo tratei de mostrar as relações destes sujeitos com a casa masculina. Entrar naquele espaço foi uma forma interessante de pensar como a masculinidade esta atrelada a hierarquia aparecendo em todos os detalhes do ambiente, e também pude refletir um pouco mais sobre a minha relação com estes e ponderar o lugar que eu ocupei durante a pesquisa. No próximo tentarei aprofundar outros aspectos que observei e que demonstram como um homem deve ser e agir.

## 5. 'FALA QUE NEM HOMEM': JOGOS VERBAIS, MASCULINIDADES, SUAS TONALIDADES E CORES

Neste capítulo buscarei a partir de cenas que observei em campo mostrar um pouco mais das relações entre a engenheira com os trabalhadores da obra, mas principalmente deles entre si, cenas estas permeadas por recortes de gênero e de classe e é na configuração destas duas categorias que poderemos entender como se dão as interações neste universo específico e majoritariamente masculino. Há evidentemente uma diferença de tratamento destes homens com a engenheira e com as outras mulheres da obra, que se difere da forma como estes interagem consigo mesmos. Começo pelo conceito de “relações jocosas” de Alfred Radcliffe-brown (1973) e passo por outros conceitos tais como duelos verbais (LEAL, 1992) para pensar como a brincadeira e o humor apareceram no meu campo de pesquisa, nestas interações marcadas pela oralidade, que, fazendo um denominador comum as várias designações da literatura, chamarei de jogos verbais.

É importante salientar que tais conceitos como as relações jocosas, os duelos verbais ou agressividades verbais, embora apareçam para pensar diferentes contextos na literatura das ciências sociais, elas fazem parte de um olhar semelhante sobre as masculinidades destes sujeitos. E as interpretações sobre estes grupos de homens se dão de forma análoga.

### 5.1 Entre jocosidades e jogos verbais

Havia um clima de jocosidade imanente na obra. Usar a frase “e aí seu viadinho” era quase um bom dia, eu escutava esta frase cotidianamente principalmente nos fundos do estabelecimento, onde os pedreiros passavam a maior parte do tempo. Esse fato foi importante nas minhas observações, pois era um tipo de “relações jocosas” (RADCLIFFE-BROWN, 2013) onde homens brincavam através de piadas e do humor quando iam falar ou se relacionar com outros homens, mas

também pode, ou poderia acontecer em menor escala com mulheres como aconteceu comigo.

A brincadeira que ocorreu na minha entrada na pesquisa, sobre o tempo que eu conseguiria ficar na obra, relatado no capítulo dois, pode ser considerada um jogo verbal, mas do qual na época eu não estava ciente. Talvez, eu não tenha percebido na hora e de fato, porque eu não fazia, parte deste jogo. Eles não estavam jogando comigo e minha persistência, o que ocorreu foi um jogo de provação, no qual aquele era um universo masculino que eles conheciam muito bem e do qual evidentemente eu não fazia parte. Pois jogo de disputa é praticado na rua, longe do ambiente privado. Isto por si só, já caracteriza estes conflitos como “coisas de homem”. O espaço da rua, do ambiente público é onde as masculinidades são forjadas (GROSSI, 1995; DAMATTA, 1987). Em contrapartida ao ambiente doméstico, onde podemos dizer que certo modelo de feminilidade é produzido.

Esse tipo de relação humorística que é explicada em diversos textos na literatura das ciências sociais segundo a autora Fonseca (1991, s/p) pode recair na simples análise de pressupor que o humor deveria ser explicado como antagônico à seriedade, como se “esta fosse a forma natural de conversação do cotidiano”. A autora nos mostra um contexto em que o humor é constante no local da sua pesquisa na Vila São João. Entretanto, mesmo que a brincadeira e o humor tenham sido constantes na minha pesquisa como mostrei acima, elas apareciam em contextos específicos para minimizar as tensões da esfera do trabalho e das masculinidades, como pode ser lido no trecho a seguir:

Cheguei à obra cerca de 07:00h, me dirigi para o contêiner principal, afim de colocar meus pertences pessoais e vestir a bota e capacete. Como ainda era cedo, o container estava fechado e fiquei a procura de Ricardo, o primeiro a chegar e que estava organizando as tarefas do dia. Ao me avistar ele logo foi pegando a chave do contêiner e me entregando, pois essa se tornou um pouco a nossa rotina. Peguei a chave e fui me trocar. Ao chegar na frente do container, já estavam aguardando os outros profissionais que ali trabalham, Fabiana, Luis e Gustavinho, faltando apenas Taislan para completar o time e Ricardo que já se aproximava também. Abri a porta e entramos no container, cada um sentou eu lugar habitual coincidente com as hierarquias profissionais, ou seja, Luiz sentou-se na melhor cadeira e Gustavinho e Ricardo nas restantes. Eu fiquei escorada na geladeira

próxima onde ficavam meus pertences e Fabiana em pé na mesa de arquitetura que guardavam os projetos. Neste momento em que a conversa seguia os rumos rotineiros, sobre o atraso das obras, o prazo de finalização. Entrou Taislan, vestido como usualmente costumava se vestir, calça jeans e camisa pólo, o detalhe era que esta sua camiseta neste dia era salmão. Entrou e sentou-se em sua mesa, e neste mesmo momento chega Adão, um dos pedreiros contratados. Adão olha, não entra no container, se escora na porta, com a cabeça para dentro e avista Taislan. Neste momento lança um sorrisinho de sarcasmo no canto da boca e exclama alto: *“Mas, oh Taislan, tu tá virando “viado” agora? Que tu tá fazendo com essa camisa rosa? Tá mudando de lado?”*. Todos caem na gargalhada, mas Taislan, bravo retruca: *tô sim quer passar lá na casa depois pra gente “conversar”?* Mais gargalhadas e Adão vencido na disputa, fecha a cara e sai resmungando algo inteligível. Já Taislan, virou-se para o grupo e gabou-se *“hã, malandro chega aqui e acha que pode esculhambar assim como o cara [...] (diário de 04.04.2012).*

Uma das formas de se brincar com o outro com humor é aproximando-o ao universo feminino (CONNEL, 1995, 1997, e DUARTE 1987), como demonstrei na cena acima, pois mais do que a aproximação com o feminino, a relação de jocosidade aparece diretamente ligada com a sexualidade, no questionamento da virilidade deste homem. Segundo Butler (2003), naturalizamos o alinhamento do binômio sexo/gênero/desejo, em que o sexo, por exemplo, definido por um pênis, fixa o gênero como masculino e, conseqüentemente, o desejo como heterossexual, direcionado ao sexo oposto, portanto a uma mulher, o que a autora chama de heterossexualidade compulsória. Na mesma linha de discussão, o autor Welzer-Lang (2001) denomina essa configuração como heterocentrismo, constituindo categorias em que os dominantes, homens ativos e penetrantes opõem-se aos penetrados logo dominados (feminino).

O uso que é feito destas representações aparece na lógica dos jogos verbais, em que o humor funciona como uma prática discursiva que faz parte deste universo de gênero ligando a sexualidade feminina enquanto passiva e por conseqüência tem na homossexualidade uma relação de passividade também. Então, essa vinculação entre sexo/gênero coloca o homem, alvo das brincadeiras, como passivo e, portanto o tiram da condição de homens:

Este homem viril na apresentação pessoal e em suas práticas, logo não afeminado, ativo, dominante, pode aspirar a privilégios do gênero. Os outros, aqueles que se distinguem por uma razão ou outra, por sua aparência, ou seus gostos sexuais por homens, representam uma forma de não-submissão ao gênero, à normatividade heterossexual, à doxa de sexo e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens, por pertencerem aos “outros”, ao grupo dos dominados/as que compreende mulheres, crianças e qualquer pessoa que não seja um homem normal. (WELZER-LANG, 2001, p. 468)

O “jogo” é um importante elemento da constituição das masculinidades, mas pode ser considerado um jogo na medida em que de alguma forma há regras de conduta mais ou menos delimitadas que flexionam as ações destes sujeitos. E estas ações se dão através de expressões de oralidade, nas formas de tratamento, de como se deve comportar um homem na comunicação com outro homem.

O movimento presente na jocosidade é mexer com a virilidade do homem para o qual ele direciona a brincadeira. É possível observar essa constante referência a um modo de ser homem que se opõe ao feminino em uma conversa no container principal em que estávamos sentados: eu, Luís e Taislan. Ricardo entra impaciente no ambiente, reclamando de diversas coisas, entre elas que os pedreiros não faziam nada certo, que os fornecedores não entregavam nada na data marcada, que a obra já estava atrasada. Quando Luis como forma de acabar com o monólogo e acalmar Ricardo, brincou:

*“Fala que nem homem e para de ficar de mimimi”*. As gargalhadas, complementando:

*Parece as meninas da limpeza, que estão sempre reclamando que tem que limpar a sujeira que vocês fazem, que não tem material de limpeza [...]*.

O jogo, a partir de brincadeiras e agressões, é um espaço de exibição e negociação da masculinidade. Estes espaços são importantes para a construção da identidade dos homens, justamente na “reprodução da diferença que os separa das mulheres”. Na verdade, esta é uma questão decisiva, numa cultura de classe trabalhadora, onde o pólo masculino é representado, em diversos níveis como dominante. Visto que o primeiro mandamento é excluir as mulheres. (DUARTE 1987, LEAL, 1992)<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> Logo a seguir serão tratadas as questões acerca da honra.

Carvalho (1987), procurou mostrar a lógica do jogo de bolinhas de gude em um grupo de meninos cariocas, e em como este jogo pode ser um elemento constituidor da identidade masculina a partir do seu universo verbal. Do mesmo modo podemos pensar as relações de chamar de “viado” como parte de um desafio a virilidade.

Este tipo de brincadeira foi pensada, na pesquisa realizada por Ondina Leal (1992), a partir do conceito de “duelos verbais”, com adolescentes urbanos no Brasil. A autora toma este tipo de ação como um ritual masculino. Os duelos tomariam a proporção de um desafio, adquirindo dois aspectos, primeiramente, eles possuiriam uma dimensão jocosa e em segundo eles teriam como finalidade provocar o riso. Esta perspectiva leva em consideração a necessidade de uma audiência. Ou seja, nenhuma desses jogos relatados anteriormente teriam significado se eu e algumas outras pessoas não estivéssemos assistindo.

Os duelos verbais funcionam a partir da oralidade em que se pronunciam enunciados rimados a fim de desestabilizar o oponente, para isso, insulta-se a mãe, a irmã, ou a mulher, ou outras formas a fim de por em jogo a masculinidade do oponente, como por exemplo, nos versos em que o insultor diz: “quem faz assim é o teco-teco, senta aqui no meu boneco” ao que o oponente responde “quem faz assim é avião, senta aqui no meu bundão” (LEAL, 1992, p. 46). Ao invés de estas provocações serem rimadas como em Leal, na minha pesquisa estas falas surgem como “zoações”<sup>32</sup> que procuram desestabilizar o oponente insultando sua masculinidade, o que exige que o outro responda. Como relatei na transcrição do diário de campo, em que Adão provoca Taislan e este retruca devolvendo ao seu oponente o lugar de passividade em que Adão o tinha colocado.

Leal usou este conceito para refletir sobre as práticas informais entre meninos adolescentes como afirmação de suas masculinidades, este parece ser o mote do que eu encontrei na minha pesquisa, mas que retratarei como jogos<sup>33</sup> verbais. A ideia de jogos parece ser mais flexível para pensar o delineamento dos processos que observei, pois pode alargar o entendimento dos conceitos para pensar as masculinidades no campo. Os jogos verbais podem e assumem também outras

<sup>32</sup> Zoar na língua portuguesa significa zumbir, tinir. Uso o termo aqui no sentido nativo e contemporâneo de deboche, “tirar uma onda”, brincar com o oponente tratando-o como bobo.

<sup>33</sup> Jogo aqui aparece de forma bem ampla, podendo adotar sinônimos como brincadeira, aposta, duelo.

configurações para além das proposições de duelos verbais como aparece na fala de Luis para Ricardo, quando ele determina a Ricardo: que fale como homem.

Assim como Leal, a literatura tem apontado para outros autores que pensaram as masculinidades a partir de jogos verbais, como Duarte (1987) que nomeou “agressividade verbal”. Em seu texto, o autor apontou a especificidade dos padrões de comportamento verbal em um grupo de trabalhadores da produção de pescado no Rio de Janeiro. As agressões verbais possuíam o mesmo tipo de relação com a masculinidade apontada por Leal, mas essas agressões, algumas vezes, alcançavam as “vias de fato”, não era somente no espaço do verbal que ficavam os duelos.

O que parece perpassar todos estes autores é que estes duelos, desafios, agressividades ou jogos verbais funcionam como um abrandamento das hierárquicas vividas nas sociabilidades masculinas, mas também da um tom de pertencimento destes homens a um grupo determinado, além de um consenso sobre o significado de ser homem, sejam eles meninos, adolescentes, trabalhadores pesqueiros ou mesmo de trabalhadores da construção civil. Segundo Duarte:

“Nesse sentido as agressões verbais funcionam como uma espécie de teste contínuo da capacidade de cada um reagir “como homem”, invocando as idiosincrasias do desempenho pessoal de trabalho e de vida, num desafio grupal orientado para a definição e incorporação das identidades” (DUARTE, 1987, P.28)

Outro ponto, que estrutura todo e qualquer jogo, é o estabelecimento de igualdade de condições entre os adversários. Embora, segundo Guedes (1999) essa exigência de igualdade inicial é contaminado por outras dimensões socioculturais da vida dos competidores. Portanto, a ideia inicial é perceber, com quem se joga e como se joga.

A brincadeira, ou jogo “entre iguais” pressupõe, de acordo com Duarte (1987), duas relações: a de dominação do superior sobre o inferior e a reação, ambas manobradas pela agressão. “Agressão de um apelido depreciativo, de uma resposta mal criada. Porém, ambas as relações são acompanhadas pela descontração e de um feliz desenlace, e a certeza de entendimento desta linguagem”. Ou seja, mesmo que haja um desafio entre homens, nas conversas ou nas ações eles sabem que pertencem a um código de honra comum e o respeitam.

Radcliffe-Brown (2013) utiliza o parentesco por brincadeira para enfatizar as relações jocosas na manutenção das relações de aliança em ocasiões de conflito estabelecidas no parentesco. Assim as brincadeiras ocorriam entre avós e netos a fim de aproximar estas diferentes gerações, forjando uma relativa estabilidade nesta estrutura social, preservando a autoridade da geração intermediária, pais de uns e filhos de outros. As relações jocosas serviam para amenizar as tensões latentes desta estrutura social.

É neste contexto que a brincadeira também aparece como algo importante para pensar as hierarquias. Por exemplo, certo dia Adão, pedreiro, estava trabalhando na parte externa da obra e após terminar o serviço deixou o seu material atirado no chão, neste momento Luis percebeu o “desleixo” do empregado, abriu um sorriso e em tom jocoso gritou, de certa distância, “oh malandro, vai lá pegar as coisas que tu esqueceu no chão, tu sabe que tem que entregar isso no almoxarifado, vai lá meu”. Adão olhou para o patrão, olhou primeiro com um sorriso malandro, baixou a cabeça, e foi recolher seus utensílios.

A jocosidade além de funcionar como jogos verbais de homens e suas masculinidades, também abre brechas para a explicitação do poder dos fracos (DUARTE 1987, BRITES, 2000). Mas mesmo este poder dos fracos no ambiente de minha pesquisa era situado e bem momentâneo, pois logo, quem detinha maior poder, usava-o para colocar o subordinado no seu lugar, como no caso de Taislan quando vence Adão, portanto este continuum de brincadeiras que denotam agressão e reação acabavam, em geral, com uma “vitória” dos mais empoderados. Mas não é sempre que a estrutura social da hierarquia é ratificada em todos os âmbitos, pois um dos atributos exigidos na masculinidade é que se saiba jogar o jogo. No caso aqui relatado, “saber mandar” vai na contramão da forma de expressão de como o contratante dos pedreiros locais falava com os subalternos. A forma como Garcia exercia o seu poder de mando era impositivo e rude, mas esse modo de ordenar desse sujeito será melhor discutido na seção seguinte, *“O cara não apita nada’ ou sobre como mandam os gêneros: relações e hierarquias”*.

Brites (2002), ressalta em seu texto sobre a relação entre trabalhadoras domésticas e seus empregadores, que o poder dos fracos, não advém da sua supremacia sobre o dominante, ou de atos de bravura diante dos dominantes, mas das brechas de “enfretamento” que o subalterno encontra, segundo a autora, nas

“dobras da própria dominação”. Em geral o que os subalternos expõem com a difamação, sabotagem e outros atos de resistência é o comprometimento dos superiores com um contrato implícito da relação. Não enfrentam os superiores, pois isso configuraria um desrespeito em relações que tem conhecimento de ser a parte mais fraca. Ao contrário buscam na dissimulação, na falsa deferência, trazer à tona as promessas e propostas implícitas de igualdade ou de solidariedade no discurso público.

Os atributos de gênero e de hierarquia de trabalho são marcados: os desiguais sabem que são desiguais, mas esta constatação não pode ser explicitada, há uma tensão perigosa que recobre estas relações. Pois há outro elemento que pode ser pensado nestes contextos de desigualdade entre homens. Aqui o universo cultural dos homens é ambíguo porque exalta no trabalho aspectos indesejados como o sacrifício e o risco, mas que contém o poder de reforçar o prestígio em um universo cultural que cultua a força física como um aspecto importante da masculinidade (ALMEIDA, 1995b). Há um duplo jogo da dominação, se exercer um cargo de chefia é importante como status masculino, há também status em ser “homem bruto”, ter uma *hexis* corporal de força e de domínio.

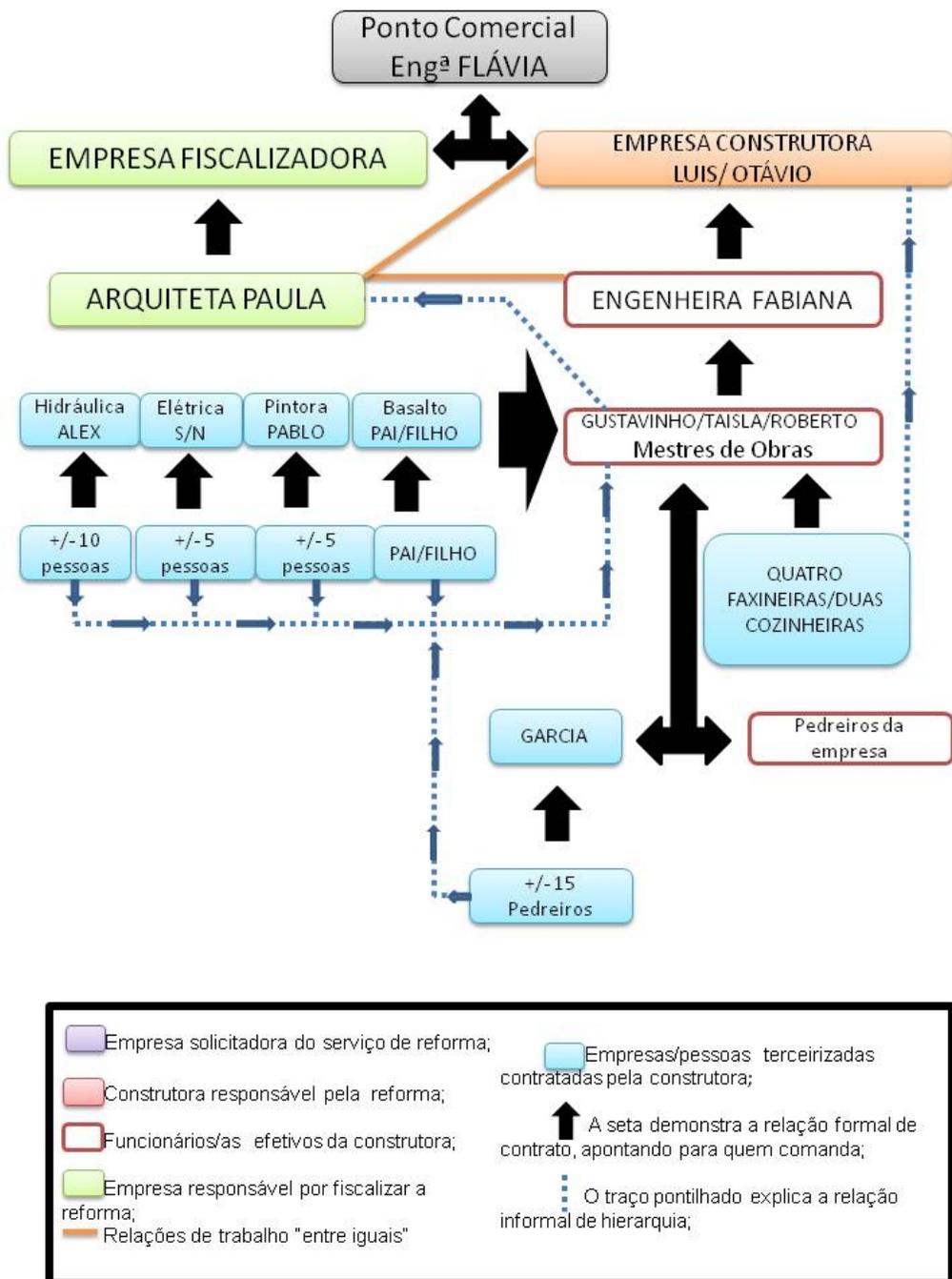
Os jogos verbais no ambiente de trabalho funcionavam como rituais de lazer em que as alianças e os conflitos eram postos a prova. E estes conflitos e alianças levam em consideração a honra, como “uma forma de mostrar aprovação ou reprovação. Pois a honra possui uma estrutura geral que se revela nas instituições e juízos de valor tradicionais de cada cultura” (PITT-RIVERS, 1988). Estes valores levam em consideração a relação homem-mulher e os diferentes papéis atribuídos aos sexos. Aspectos que serão abordados nas seções seguintes.

## 5.2 ‘O cara não apita nada’ ou sobre como mandam os gêneros: relações e hierarquias

O mapa das hierarquias torna-se importante na medida em que podemos vislumbrar de forma mais concreta como se davam as relações de poder dentro deste contexto complexo e com diversos atores sociais. Embora nessa seção não

seja foco de análise todas as relações de poder existentes, a intenção é compreender como se davam as ordens de comando, procurando demonstrar as hierarquias formais e informais em como elas apareciam na experiência empírica de forma mais flexível.

**Figura 3 – Mapa das relações de hierarquia do trabalho**



Fonte: A autora (2013)

Estas relações de poder têm uma correlação direta com os jogos verbais na medida em que estes se dão geralmente entre dominantes e subordinados atrelados às hierarquias observadas no meu contexto de pesquisa. Na obra que observei chefiar sem compreender as lógicas locais das relações entre patrões e empregados podia minar a autoridade. Como nos casos de Paula e Garcia (quadro acima). Eles estavam de alguma forma “por fora” deste sistema local, pois aparecem representados no mapa através de relações formais de contrato, representados pelas setas pretas, enquanto pouco aparecem nas relações informais representadas pelas setas pontilhadas. Além disso, o fato deles não estarem no dia-a-dia da reforma os colocava neste lugar exterior e de desconhecimento.

Mas não era a pouca presença física o determinante para que suas autoridades fossem questionadas. O fato mais cabal era a falta de compreensão do código que regulava as relações dentro da construção. Todos somos diferentes. Sempre existe hierarquia, mas explicitar essa hierarquia de maneira inadequada, fora de um contexto necessário, é mostrar-se no ou igualar-se ao pólo fraco das relações. Ou seja, mesmo que a hierarquia social exista como fato pré-existente ela não é fixa, ela precisa ser confirmada na ação. De modo similar ao que Strathern propõe sobre a melanésia, é na ação que a masculinidade, feminilidade são encarnadas. (STRATHERN, 2010).

Dentro dos espaços do campo podemos diferenciar dois grupos distintos: os que têm sua autoridade reconhecida – Luís, Ricardo e Fabiana – e os que não a tem – Garcia e Paula. Dos primeiros, Luís, como chefe geral da obra tinha autoridade de mando com todos, mas era a forma como ele se relacionava – a partir da brincadeira, sem confrontação direta, como demonstrado na seção anterior –, principalmente com os homens, que fazia que sua chefia fosse reconhecida. Também nunca se apresentava como bobo. Marcava sua autoridade por porta-se sempre justamente. Ricardo, o principal mestre da obra, usava-se do mesmo artifício que Luís com os seus subalternos. Fabiana, apesar de não se relacionar com pedreiros, fazia sua autoridade ser reconhecida através dos outros homens: Ricardo, Gustavinho e Taislan, além dos chefes das especialidades.

Como pude demonstrar mais acima há uma forma tácita em que um homem pode mandar em outro homem. Segundo Fabiana, a forma normal que os homens se tratam naquele espaço é o que podemos chamar de “*gritaria*”, pois homem “*fala*

*grosso*”, de modo que gritar também é coisa que só homens podem fazer. A primeira vez em que encontrei Fabiana, ela me confidenciou que jamais faria “*como eles*”. Se ela tivesse que gritar em algum momento de trabalho, não iria mais querer trabalhar ali, pois ela se orgulhava de jamais ter levantado a voz em um canteiro de obra.

Já para os homens gritar era quase a forma “natural” de tratamento nas conversas, nas brincadeiras e zoações. Mas essa gritaria nunca podia ser exercida de forma explícita e incisiva quando a intenção era chamar a atenção de outro homem, ela só seria obedecida se realizada de forma tácita e na brincadeira, como demonstrado na seção anterior quando relato como Luis se referia ao pedreiro Adão, chamando a atenção para a ferramenta que deveria ter sido guardada. Mesmo que gritasse, havia uma forma desta advertência ser realizada no tratamento entre homens dominantes e homens dominados.

Mandar de forma a mostrar seu lugar no espaço, com gritos ofensivos e determinados, não funcionava de maneira eficaz. Garcia é o responsável pelos pedreiros locais, sua empresa é a que contrata estes trabalhadores. O seu entendimento de poder e mando diferem consideravelmente dos de Luis e Ricardo, e seus funcionários não o respeitam com a mesma intensidade, apesar de ser a ele que primeiro devem se reportar. Certa vez ele estava ordenando as tarefas de seus trabalhadores, de dentro do contêiner que funcionava como almoxarifado em um lugar mais alto, e seus funcionários estavam dispostos a sua frente. Enquanto Garcia falava, estes contratados olhavam com cara de que estavam escutando, mas a verdade é que não estavam prestando atenção, pareciam se “lixar” para as palavras do patrão. Um mexia na camiseta, outros olhavam para outro lugar, outros ainda estavam com a cabeça baixa olhando para o chão, brincando com as pequenas pedras que ali se encontravam. Neste momento eu estava ao lado de Garcia, e este, percebendo como estava sendo a recepção dos seus funcionários, olha pra mim dizendo: “*os caras fazem questão de mostrar que o cara não apita nada*”<sup>34</sup>.

Sem desconstruir a autoridade entre os homens e até entre homens e mulheres na obra, Paula entrava com desconhecimento da lógica local e assim era suportada, pois na frente mostravam subserviência e atrás mostravam a sua

<sup>34</sup>Scott citado por Brites (2000) relata um provérbio etíope "Quando o grande senhor passa, o camponês sábio se dobra ao mesmo tempo que solta um peido silencioso."

insatisfação, como demonstrado no capítulo três quando apresento a arquiteta e mostro seu relacionamento com os outros homens da obra, principalmente com Luís e Ricardo, aos quais ela mais se dirigia.

Todas essas relações e fatos descritos até aqui sugerem que, para além de pensar como mandam os gêneros por uma matriz feminista de gênero, é preciso pensar também as hierarquias de classe que se interseccionam com as relações de gênero, mas que também fazem parte de um contexto próprio do convívio entre patrões/patroas e trabalhadores/as. Então “quando os caras fazem questão de mostrar que o cara não apita nada” ou quando a capacidade profissional de uma arquiteta é colocada em questão, indica que o dominado não trai o dominante de frente; ele boicota o dominado nas “dobras da própria dominação” (BRITES, 2000).

Aqui estou pensando nas armas banais dos grupos com relativamente pouco poder: a lentidão proposital, a dissimulação, a deserção, a falsa deferência, o roubo de pequenos objetos, o "fazer-se de besta", a calúnia, o incêndio, a sabotagem, etc. (BRITES, 2000, p. 23 **apud** SCOTT, 1985, p. 15)

Na obra, esses “boicotes” apareciam de diversas formas. Rafael, que tomava conta do almoxarifado, foi meu melhor informante sobre estes assuntos. Segundo, ele era comum que as ferramentas tomassem “*chá de sumiço*”, ou seja, era comum que ferramentas fossem retiradas e não devolvidas, assim como era comum episódios como o que me relatou em um dia que cheguei ao contêiner do almoxarifado e este se encontrava sem luz. Quando questionei Rafael porque não havia luz ele me respondeu com ar de indignação:

*Os caras não dão folga, além de não devolverem as ferramentas, o Jorge estava com raiva porque se desentendeu com o José e veio dar um murro no interruptor. Agora vai levar um tempo pra alguém arrumar isso daí.*

Além do “sumiço” dos utensílios e da destruição do patrimônio descritos por Rafael, a falta de cuidado com os uniformes era constante. Das vezes em que estava no container administrativo, não era raro chegar algum pedreiro pedindo botas novas, camisetas novas, casacos, ou algum outro objeto de EPI’s, ou porque estavam rasgados ou desgastados do uso. E era sempre uma reclamação de Ricardo quando isso acontecia. Mas, mesmo relutante e como uma cara de que

estava sendo zoadado, ou que estavam brincando com ele exigindo essas coisas, Ricardo acabava por atender às solicitações.

Podemos considerar também como boicotes dos subalternos o não cumprimento do horário, ou mesmo as faltas que eram frequentes. Logo no início da minha pesquisa encontrei Garcia e Taislan conversando sobre o pagamento dos pedreiros, discutindo sobre a data em que o salário seria pago. Garcia queria para aquela sexta-feira, Taislan retrucava dizendo não saber se seria possível.

Tentando saber mais sobre aquele universo, eu perguntei se todos que estavam ali trabalhando haviam começado a reforma, pois havia ficado sabendo que um deles que, no início, tinha sido pedreiro, agora trabalhava em uma seção do estabelecimento comercial. Garcia me olhou e respondeu com o tom de voz mais alto, mas com o qual eu já havia me acostumado. *"Muitos já foram demitidos, quase metade dos que estão aqui são de novos contratados, esses caras só querem receber o dinheiro antes do final de semana pra gastar com bebidas e outras coisas. Depois do pagamento, muita gente não aparece mais"*.

Fonseca (2004), em seu estudo sobre a vila do “cachorro sentado”, uma região social e economicamente discriminada de Porto Alegre, no livro Família Fofoca e Honra, mostra que os moradores locais têm consciência de que suas possibilidades de emprego pode ocorrer somente em lugares desprestigiados socialmente. Portanto, na interpretação da autora, quanto a estes moradores:

Viver de oito a dez horas por dia na invocação constante da sua inferioridade em nada contribui para enaltecer a própria imagem, e o salário, realmente irrisório, não compensa a falta de satisfação pessoal. A resposta coletiva a essa situação é de denegrir os empregos denegridores e valorizar qualquer ganha-pão, desde que não apóie a hierarquia social convencional subordinando um membro da vila a alguém das classes dominantes. (Fonseca, 2004, s/p)

Mais do que um boicote, me parece que a lógica dos pedreiros locais empregados por Garcia era muito parecida com as lógicas dos trabalhadores pesquisados por Fonseca, pois na obra que pesquisei parecia haver a lógica do trabalho informal, de contrato por serviço e não por hora de trabalho. Muitos deles não trabalhavam somente como pedreiros, trabalhavam com o emprego que conseguiam. Airton, por exemplo, intercalava sua vida entre ser agricultor no interior do estado e “arrumar bicos” na cidade. Seu Pedro era um solador que morava ali

perto do ponto comercial da reforma. E Marcos, antes de ser pintor, havia trabalhado 10 anos como cobrador de ônibus. Mesmo alguns deles contratados da empresa, iam para onde vislumbravam que havia emprego. Fernando, um dos pedreiros da capital, me contou que, ao terminar aquela obra, iria para Rio Grande onde estavam reformando o Porto de lá e sabia que haveria emprego sobrando.

Para esses homens estas formas de lidar com o dominante, sabendo dos seus limites e utilizando-se deste fator como um modo de fazer-se respeitar, são importantes, na medida em que mantêm sua estima pessoal, provando que se é malandro ao “enganar” o patrão, ou qualquer outro indivíduo que está acima da escala social. (FONSECA, 2004). O que parece existir é uma estrutura de reconhecimento pelos não empoderados de uma sociedade extremamente hierarquizada e estratificada.

Há uma clara sabedoria entre quem manda e quem obedece. Por isso, para um homem obedecer outro homem, a forma de mando dos dominantes também está atrelada aos modos como este deve ser feito. Ou seja, uma mulher para mandar, deve o fazer de forma delicada, com a voz suave, e/ou deve mandar através de outros homens. Já um homem pode mandar em outro homem através de gritos, com a voz elevada, mas de uma forma brincalhona, na flauta; jamais de uma forma agressiva e humilhante.

### **5.3 Masculinidades e jogos: o que a honra tem a ver com isso?**

A intenção de começar este capítulo com os jogos verbais se deu, pois tanto estes jogos por meio da brincadeira e do desafio, quanto às descrições sobre o mando entre patrões e trabalhadores tem uma relação direta com a honra. Assim como os jogos verbais exigem um determinado grau de igualdade entre os proponentes, só existe honra em um desafio se existe também igualdade – mesmo que ela seja aparente -, é necessário que se veja seu adversário ou oponente como igual em honra. Segundo Bourdieu (1988), as ofensas como as que vimos sobre as masculinidades dos homens na obra, podem tomar o ar de desafio, como no caso de Taislan e Adão, ou como ele denomina uma competição da honra, que tem uma

similaridade com a lógica do jogo, que adquire uma forma ritualizada e institucionalizada. Aqui o que está em causa é o amor próprio, pois o sentimento de honra é vivido diante dos outros.

Os jogos sociais podem ser comparados ao sentimento de honra presente nos desafios analisados por Bourdieu (1988) em sua etnografia sobre os cabila. O autor mostra que as relações de gênero entre os cabila se dão de maneiras antagônicas e complementares. Mesmo ausente na centralidade do universo masculino, o universo feminino corresponderia à dimensão da intimidade e do segredo, esferas sagradas para a honra masculina. A mulher seria a parte vulnerável, uma vez que constituída como guardiã do bem-estar e do respeito. Por isso o que está implícito nestes jogos, desafios ou duelos verbais que menciono é a defesa da honra masculina:

A honra fornece, portanto, um nexó entre os ideais da sociedade e a reprodução nestes no indivíduo através da sua aspiração de os personificar [...]. O direito ao orgulho é o direito a posição social e a posição social estabelece-se pelo reconhecimento de uma certa identidade social. (BOURDIEU, 1988, p. 13/14)

O conceito de honra na antropologia surge atrelado ao conceito de vergonha com o intuito de entender os valores que estruturam as sociedades mediterrâneas, estudados por Peristiany, Bourdieu e Pitt-Rivers no livro *Honra e vergonha*, e aparecem como pólos de valorização social para a hierarquização dos indivíduos. Estes conceitos seriam universais, embora sua valoração apareça de forma diferenciada nas sociedades, eles seriam “dois aspectos de uma mesma regra de valorização social que define os ideais aceites em cada grupo” (PERISTIANY, 1988). No caso da sociedade mediterrânea estes ideais de ser homem e mulher apresentam uma forma geral, marcando como se dão os papéis sexuais. Assim a valorização da honra masculina estava relacionada ao pudor feminino. A honra também aparece diretamente ligada ao âmbito familiar, onde a honra masculina é determinada e preservada pelas ações de seus entes femininos, mulher ou filhas. Um homem que na sociedade ocidental nasce com atributos de superioridade em uma família bem colocada economicamente, de nome conhecido e respeitado, necessariamente domina as regras da honra apreciada

O homem superior deve desenvolver uma série de comportamentos que revelam sua honradez. Não ter máculas sexuais advindas das mulheres de sua

família, saber expor sua honra é outro quesito importante. Ser descortês, sobretudo com pessoas de status diferentes, é demonstrar o contrário de um homem honrado, pois a honra mais que uma qualidade intrínseca definida por riqueza ou nascimento, é uma qualidade conservada e gestada com sabedoria.

O conceito de honra e seus 'similares' teriam como uma de suas funções colocar em operação a ligação entre passado e presente de uma sociedade. Nos exemplos trazidos pelos autores, há uma constante referência ao ideal dos antepassados do grupo, em termos de pureza, de proximidade com o sagrado e a exigência de um comportamento determinado no presente. Também nesse sentido, expressariam a capacidade mediadora descrita por Pitt-Rivers (1992). De um modo geral, funcionariam como 'operadores' que servem para colocar em contato diferentes dimensões do plano social, como a relação entre cultura e natureza, sagrado e profano, masculino e feminino, passado e presente. (ROHDEN, 2007, p. 115).

O conceito de honra certificaria também quem é digno de representação podendo ou não se inscrever em um determinado segmento social, atuando assim como mediadores de trocas entre grupos e indivíduos. Além disso, comporiam os moldes de referências para fornecer "índices de hierarquias de valores que regem a vida coletiva". Isso permitiria entender quão complexas são as relações entre indivíduo e sociedade. (ROHDEN, 2007).

Pensando a honra de outra forma, a partir das relações da sociedade melanésia, Strathern (2010) relata que as trocas de riquezas com presentes é uma forma de ter prestígio em Mount Hagen, mas, também, torna a pessoa vulnerável, na medida em que ela se expõe. Esta ação é praticada por homens, ou seja, são homens tendo um desempenho muito masculino. Mas os objetos ofertados que podem ser conchas, porcos ou dinheiro, podem ser notados como femininos. Esses objetos podem ser considerados passivos, mas acontece que as conchas não são, como no ocidente, apenas objetos, eles são pessoas e quando são dados a alguém, neste caso a algum homem ele de certa forma de feminiliza, na medida em que é o agente receptor. Segundo a autora:

"Os homens que recebem a riqueza estão em uma posição receptiva, portanto, feminina. Então você pode considerar a riqueza como feminina e pode considerar esses homens como femininos. Ou você também poderia

considerar a riqueza como masculina, porque se pode também dizer: “Bem, realmente, os homens estão participando como homens e doando para outro clã, e nesse sentido estão eles mesmos participando como homens” ... Assim, a noção do que é masculino ou feminino não é estável, é estabelecida por relações sociais, ou pelo contexto particular etc. Interesse-me por gênero exatamente por ver todos os diferentes contextos nos quais as ideias do que era masculino e o que era feminino se confrontavam umas com as outras.” (STRATHERN, 2010, p.7)

A ideia da autora na melanésia é interessante para pensar como lá as coisas podem ser femininas ou masculinas a partir da ação que é empreendida pelo agente, mas a sua conclusão aponta para paradoxo de que não são as relações entre o masculino e o feminino que são contrastantes, mas justamente o contrário são as oposições entre o mesmo sexo e a relação com os seus opostos que organizam as relações nesta sociedade.

No contexto da minha pesquisa, por outro lado, homens também podem se feminilizar, ou mulheres se masculinizar, a diferença tácita destas relações que analisei, entretanto, é que no momento que um pedreiro ou mestre de obras pratica uma ação que pode ser considerada feminina, se estabelece um grau de hierarquia. Na prática, os homens subalternos quando se relacionam uns com os outros ou mesmo com os seus superiores, imprimem marcas de uma disputa que é instável. E ela é instável, justamente na medida em que feminilizar outro homem é mexer e jogar com a honra dele.

#### **5.4. De volta ao começo: entre o casamento e o emprego**

Duas semanas antes da reforma terminar, em uma segunda-feira de tempo nublado, eu cheguei ao ponto comercial cedo como de costume e avistei os mestres de obras conversando com dois pedreiros, todos próximos ao contêiner administrativo em volta da automóvel (Kombi) da empresa, estranhei aquela cena, mas não dei muita importância, cumprimentei todos eles com um bom dia e me dirigi como fazia costumeiramente para guardar os meus pertences no container da administração. Ao chegar, notei que a porta estava fechada, o que não era normal, já que já havia vários trabalhadores ali. Mas como já havia acontecido antes de eu chegar lá e o container estar fechado, empurrei a porta para ter certeza. Ao fazer isso avistei Luís e Fabiana com caras sérias. No momento em que me avistaram

pararam abruptamente de falar, logicamente eu percebi o mal estar, pedi desculpas e como já havia interrompido perguntei se eu podia somente deixar meus pertences ali que eu já ia me retirar, o que fiz com certa rapidez, pois senti o clima estranho.

Ao sair do container, fui ao encontro dos homens que cumprimentei na chegada, perguntei ao Ricardo o que tinha acontecido, se ele sabia de alguma coisa. Gustavinho respondeu que o “idiota” do marido da Fabiana queria a saída dela da obra, por isso ela foi conversar com Luís. A conversa era para formalizar a saída de Fabiana, pois ela não terminaria a reforma.

Um pouco depois disso Fabiana saiu do contêiner e veio falar comigo. Calma ela me informou que estava saindo, que havia conversado com Luís e que iria continuar na empresa, mas, na capital, onde ficaria perto de sua família, contudo que eu não me preocupasse, pois se quisesse poderia continuar minha pesquisa até o final, mesmo sem que ela estivesse mais ali, se mostrou bem preocupada e até um pouco triste por deixar a obra quase no final, mas segundo suas palavras teve que escolher “*ou ela ficava com o emprego ou com o casamento*”. Pediu desculpas novamente e seguiu em direção ao hotel para pegar suas coisas e ir embora.

Depois que nos despedimos, e de ela sair, chegou Luís perto do grupo, e todos começaram um diálogo cujo foco era desmerecer o marido de Fabiana por ela estar saindo dali, que ele não era homem suficiente, que não acreditavam como ele podia não confiar em uma mulher “dez” como Fabiana.

A intenção ao se falar mal, ao fofocar advém da ideia de que ao se menosprezar o status do marido de Fabiana automaticamente deixa-se claro a valor superior do status dos homens da obra. Era como se o marido de Fabiana estivesse através dela maculando a honra dos próprios homens da construção, colocando em cheque estes homens como homens honrados. Se a honra está e passa pela mulher, era através de Fabiana que estes homens mostravam a sua honradez. Como se ela fosse depositária da manutenção do *status quo* tanto da sua família, quanto do ambiente de trabalho.

A fofoca é uma força niveladora; é sobre tudo, o instrumento dos que se sentem inferiores e que só podem realçar seu status rebaixando o dos outros. Não visam elevar-se acima de outrem. A fofoca é a arma das pessoas que tem medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores. Ora, quanto mais se desce na hierarquia socioeconômica, mais as pessoas sentem-se vulneráveis. (FONSECA, 2004, p. s/p)

Segundo Pitt-Rivers (1988), a honra funciona como uma espécie de gangorra, pois ela não está sempre no mesmo lugar, na medida em que se rebaixa o status de um homem automaticamente aumenta o status do outro. Esse sistema funciona porque a honra é também medida pela relação contínua entre indivíduos, onde se pressupõe que estes indivíduos sejam “quase iguais” em um jogo de honra (FONSECA, 2004; PITT- RIVERS, 1988).

Então, no momento em que Fabiana se “demite” e começam-se as difamações do comportamento e da postura do marido da engenheira por parte dos homens da reforma, podemos pensar, em duas análises possíveis a partir do jogo de honra para a postura dos homens para a saída de Fabiana. O primeiro aspecto era que o que estava implícito nestas atitudes era que de alguma forma o marido de Fabiana parecia pressupor que eles não eram homens honrados a ponto de respeitar a mulher “dos outros”. E em um segundo plano, o próprio marido de Fabiana estava sendo pensado como não sendo um homem de verdade por não confiar na esposa como mantenedora de sua honra.

A honra também pode ser pensada seguindo as lógicas anteriores. Se pensarmos, por exemplo, no caso da engenheira, ela ficou entre os homens justamente porque não é “loca”, mas reconhecendo as regras do lugar, sabia como mandar e se relacionar com os homens da obra. Mas no momento em que seu casamento estava em jogo, ela opta preservá-lo, escolhendo-o em detrimento ao trabalho, como forma de preservar a honra do marido. E isto que causou o incômodo dos homens da construção, pois se a honra é relacional, na medida em que ela escolhe a honra da família ela renuncia a posição de portadora da honra dos homens do ambiente de trabalho.

As zoações que aparecem na forma de brincar com os relacionamentos que aconteciam entre os homens e as mulheres que eles “arrumavam” na própria cidade que eram suas “namoradas” situacionais, também podem ser discutidos dentro da lógica da honra.

Como por exemplo, em um caso que ocorreu dentro do próprio local de trabalho, entre uma das meninas da limpeza e um pedreiro e que era de conhecimento geral. Um dia estava eu perto de uma seção do estabelecimento onde estava sendo finalizada a reforma, e a menina da limpeza estava passando pano em uma mesa. Mais adiante estava Bira e outros homens em torno dele. Quando ela

passou por eles, com um sorriso no rosto, direcionado para ele, os outros caras abriram um sorriso e falaram “olha ai tua mulher, tu não dá mais atenção para ela, pegou e agora não vai assumir?” e deram uma risada. Bira fitou-os com a cara envergonhada e saiu de perto para não dar continuidade a aparente brincadeira.

Como demonstrado neste capítulo, a partir do relato de Fabiana, ou mesmo da "namorada" de Bira pode-se notar que a masculinidade na obra esta ligada à manutenção da honra, da virilidade destes homens, e da sexualidade ativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar é uma das coisas mais difíceis em um trabalho acadêmico, pelo menos para mim. Colocar um ponto final é dar fim a um ciclo de uma jornada de um determinado tipo de conhecimento, é como se as palavras e o que foi dito não possam mais ganhar cores e retoques e isto é quase impossível, em determinado sentido, no tipo de trabalho que realizamos – o de apreender e descrever a cultura de um determinado grupo através da escrita e tornar visível o que permaneceria confuso e desordenado, mas este visível é tão incompleto que “fixa o tempo num presente definitivo e imobiliza a visão num espaço” (LAPLANTINE, 2004, p.34).

**Concluir um trabalho é também colocar a prova todos os nossos erros e acertos, é onde e quando podemos analisar melhor o que deu certo e o que não deu, pois o erro também é importante. No caso deste trabalho, pode-se dizer que o erro foi parte constante do processo de análise e dos rumos desta própria pesquisa e principalmente, da escrita final.**

O intuito de analisar **como se davam empiricamente as hierarquias do trabalho, as diferenças sociais e as estratégias de interação na sociabilidade destes homens pedreiros chefiados por mulheres, quando há uma inversão das tradicionais hierarquias de relações de poder**, foi se delineando aos poucos e mostrou-se interessante a partir do mundo “masculino” da construção civil, lugar onde conforme as pesquisas, apesar da participação das mulheres vir aumentando ao longo dos anos, ainda é umas das profissões onde menos se encontram mulheres.

Obviamente não há como afirmar que mulheres mandam de forma diferente dos homens, qualquer generalização neste sentido seria precipitada. Mas, em se tratando do contexto por mim analisado, havia uma clara diferenciação entre como mandavam as mulheres e como mandavam os homens. Mesmo diante disso ainda não é possível afirmar contundentemente que estas formas diferentes de mandos se davam única e exclusivamente em função do gênero, pois esta categoria só ganha sentido quando cruzamos com outras categorias, como classe e etnia.

Mas parece que, entender a lógica e as regras de interação com os homens, foi fundamental para o “sucesso” de Fabiana no cargo de chefia que ocupou. O fato

de ela também entender as regras de como “uma mulher direita” ou nas palavras deles de uma “dez” deve proceder, foram importantes.

Pode-se pensar ainda que por mais que as mulheres tenham alcançado prestígio em lugares antes redutos masculinos, ainda encontram dificuldades em harmonizar a esfera pública com a esfera privada. Longe de um discurso de vitimização, o que procurei demonstrar é que as lógicas em que ainda operam homens e mulheres não são os mesmos.

Ainda é difícil para uma pesquisadora reconhecidamente feminista entender um campo em que os indivíduos operam os gêneros de forma essencializada. E essa foi uma das maiores dificuldades enfrentadas por esta autora: Como pensar o gênero em um grupo que ainda pensa o gênero atrelado ao sexo se tenho um entendimento que o próprio sexo é uma linguagem, algo que foi construído. Como procurar não cair na essencialização e ao mesmo tempo levar em conta de verdade a perspectiva dos meus informantes. Essa foi uma busca que ainda não tenho certeza se foi alcançada, muito provavelmente não. De todo modo tenho que admitir que compreendi melhor estes homens. Ao menos compreendi o quanto estes homens podem admirar uma mulher, mesmo que ontologicamente eles acreditam em um mundo onde homens e mulheres são diferentes, porque assim nasceram, a leitura do espaço e o entendimento do lugar que uma mulher pode e deve ocupar em um canteiro de obras pode culminar em um profundo respeito e admiração, pois eles realmente gostavam e admiravam Fabiana.

O fato de eu não ter encontrado nenhum trabalho de pesquisa com o mesmo foco, qual seja, a inversão de papéis tradicionais de relações de gênero no espaço de trabalho, demonstra uma relevância e urgência neste tipo de pesquisa. Pois se o movimento feminista já se preocupou em pontuar trabalho sobre as mulheres nas fábricas e no trabalho operário ou mesmo em cargos de prestígio, é preciso retomar estes estudos para pensar em uma perspectiva mais relacional que tenha foco nos homens não como sujeitos universais, mas como possuidores de uma marca de gênero. Diante disso meu trabalho foi pensar a entrada de mulheres em carreiras de prestígio, em pensar que os homens e as masculinidades.

Obviamente nenhum trabalho dá conta de abranger todos os aspectos que aparecem na pesquisa, alguns fatos interessantes merecem maiores dados e esclarecimentos, como por exemplo, sobre o trabalho informal, sobre a lógica

diferenciada de ver e entender o mundo, destes trabalhadores que não querem e não gostam de viver de uma profissão, que vivem de “bicos”, mas que devem ser entendidos nos seus próprios termos.

Também seria interessante pensar como as mulheres estão assumindo estes cargos de pedreiras, pintoras, em como elas estão aparecendo nestes empregos. Mesmo que não tenha havido nenhuma mulher exercendo essas funções na obra em que pesquisei, há sim mulheres sendo empregadas nestes setores, Alex me relatou que trabalhou com algumas, mas pouco exemplificou tal convivência. E se o foco de minha pesquisa foi as relações intergêneros em cargos de chefia, deixo para futuros trabalhos pensar a mesma relação em cargos subalternos.

Seguramente, pensei constantemente no dado de campo que relatava a pouca permanência de homens de classes populares em empregos fixos, em um primeiro momento assumo que a lógica de trabalho destes sujeitos é outra como relatou brevemente Fonseca (2004). Mas esse dado ainda é superficial e incipiente para pensar os trabalhos exercidos por estes homens que não tem uma profissão fixa e vivem de "bicos".

Talvez, as análises das relações de mando e hierarquia que encontrei, principalmente as relações dos homens entre eles, podem ser estendida a outros contextos sociais, que elas não sejam exclusividade do canteiro de obras que eu pesquisei, ou talvez seja o contrário, essa forma de se relacionar só exista ali, com aqueles sujeitos específicos. Ainda assim, vejo e anseio a necessidade de pesquisar estes homens, de pensar eles num contexto efetivamente relacional.

Se um dos motivos que me angustiavam e ainda me angustiam é o fato de haver uma lacuna entre o que estudamos e o que encontramos em campo, no real. A saída seja radicalizar os pressupostos feministas e antropológicos como Strathern fez. Para mim uma tarefa hercúlea, mas que se torne uma motivação, uma busca para uma pretensa antropóloga, feminista e militante.

## REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. **Cadernos de Gênero e Tecnologia** - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba: CEFET-PR, n.1, p. 9-17, fev/ mar/ abr. 2005.

ALMEIDA, Miguel Vale. Verbete: "Masculinidades". IN: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Afrontamento, 122-123; 1995a.

\_\_\_\_\_. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995b.

\_\_\_\_\_. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico/95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-190

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BORTOLOTTI, Lige Mara Rauber. **"Na Melhor Idade" – Mulheres, Sexualidades e envelhecimentos**: um estudo etnográfico a partir de bailes da terceira idade. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRITES, Jurema Gorski. **Cinderela Domesticada**. Um estudo sobre saberes femininos que circulam entre empregadas domésticas e seus empregadores. Porto Alegre: Relatório Final apresentado à FCC, II Programa de Incentivo e Formação em Pesquisa sobre a Mulher, 1997.

\_\_\_\_\_. **Afeto, desigualdade e rebeldia**: bastidores do serviço doméstico. 2000. 239 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. Afeto e desigualdade: Gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, nº 29, Jul/Dez, 2007. p.91-109

\_\_\_\_\_; Motta, Flávia de Mattos. (orgs). Introdução. In: **Etnografia o Espírito da antropologia**. (manuscrito)

BRUSCHINI, Cristina. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio. **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 1/2, p.9-24, 1999.

\_\_\_\_\_. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira Costa. **Uma questão de gênero (Org.)**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, José Jorge. **O jogo das bolinhas de vidro: uma simbólica da masculinidade**. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1987.

CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

\_\_\_\_\_. La Organización social de la Masculinidad. In: VALDES, Teresa; OLIVARRÍA, José. (org.). **Masculinidad/es: Poder y Crisis**. Santiago: Ediciones de lasMujeres, 1997. p. 31-48.

CORRÊA, Marisa. O sexo da dominação. In: **Novos estudos CEBRAP**, n. 54, jul. 1999.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A Construção Social da Pessoa Moderna. IN: **Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. Identidade Social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos. In José Sérgio Leite Lopes (org.) **Cultura e Identidade Operária**: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica**. Trabalho apresentado no VII Congresso Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis-SC, Brasil. Disponível em : [http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/F/Fabr%EDcio\\_Mendes\\_Fialho%20\\_09.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/F/Fabr%EDcio_Mendes_Fialho%20_09.pdf). Acesso em 9 junho. 2012

FONSECA, Cláudia. Malinowski, Mauss, Bakhtin: três autores em busca do sujeito. **Educação, subjetividade e poder**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 9-14, 1995.

\_\_\_\_\_. Uma genealogia do “gênero”. **Revista Antropológicas**, v. 1, n. 1, 1997.

\_\_\_\_\_. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 10, p. 58-78, 1999.

\_\_\_\_\_. **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a transpolinização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Revista Ilha**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 5-31, 2004.

\_\_\_\_\_. Trajetória de uma Antropóloga com sotaque: entrevista com Cláudia Fonseca. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2008

\_\_\_\_\_. O anonimato no texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (Org.). IN: **Experiências, Dilemas e desafios, do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em primeira mão**. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 1. Florianópolis: UFSC, 1995.

\_\_\_\_\_. “A dor da Tese”. **Revista Ilha**. Florianópolis, v.6, n.2, p. 221-232, jul. 2004.

GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de Corpo**: Um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: Eduff, 1997.

GUTMANN, Matthew. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 5, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. “Em cena, os homens...”. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n 2, p.373, 1998.

JARDIM, Denise. **De bar em bar**: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares. 1991. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAS, Porto Alegre, 1991.

KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto.(org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, v. 4, p. 103-117, out. 1998.

KOFES, Maria Suely. **Mulher, Mulheres**: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas: Unicamp, 2001.

LAPLANTINE, François. **A Descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LIPSET, David. O que faz um homem? Relendo Naven e The Gender of the Gift. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.33, p. 57-81, 2009.

MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em Confronto: Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo?. In: **Série Antropológica**, Brasília: UnB, n. 284, 2000.

MACHADO, Paula Sandrine. Entre homens: Espaços de gênero em uma pesquisa antropológica sobre masculinidade e decisões sexuais e reprodutivas. IN: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). **Entre Saias Justas e Jogos de Cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p. 155-184, 2007.

MAIA, Gabriela Feltemda. **Olhares sobre o envelhecer**. Uma leitura de gênero no centro de Santa Maria. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental** [coleção os pensadores]. São Paulo: Abril, 1978.

MARCELINO, Paula Regina Pereira. Terceirização do trabalho no Brasil e na França. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/paulareginapereiramarcelino.pdf>. Acesso em 31 out. 2012.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. IN: Antropologia e Sociologia. São Paula: Cosac & Naify, 203. P. 180-314.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Adolescência, sexo y cultura en Samoa**. Barcelona: Planeta De Agostini, 1985.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 16(3) 809-840; set/dez; 2008.

MORAIS, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.11, p.99-105, 1998.

MOTTA, Flávia de Mattos. **Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.

\_\_\_\_\_. **Gênero e reciprocidade**: uma ilha no sul do Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Curió Valente: representações de gênero em competições de pássaros canoros. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.30, p.199-229, Jun. 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2006.

LEAL, Ondina. Duelos verbais e outros desafios: representações masculinas de sexo e poder. **Cadernos de Antropologia**, Porto Alegre: UFRGS, n. 7, 1992.

PERISTIANY, John George (org.). **Honra e Vergonha**: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. R. "Os Parentescos por brincadeira". In: **Estrutura e função na sociedade primitiva**. [Coleção Antropologia]. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 85 -97.

PARRINI, Rodrigo. **¿Existe lamasculinidad? Sobre un dispositivo de saber/poder**. México: Colégio do México, 2006. Disponível em: <http://generomexico.colmex.mx/Parrini.jsp>. Acesso em: 7 nov. 2012.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. Etnografias a Jato. In: Schuch, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS (Orgs.). IN: **Experiências, Dilemas e desafios, do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010.

ROHDEN, Fabíola. Pra que Serve o Conceito de Honra, ainda Hoje?, **Campos**: Campinas, v. 7, n .2, p. 101-120, 2006.

ROMCY, Daniela. **O Grupo Igualdade, uma experiência etnográfica**. 2010. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre a economia política"del sexo. **Nueva Antropologia**, México, v. VIII, n. 30, p. 95-145, 1986.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Pós-fácio: conceituando gênero. In: SAFFIOTI, Heleieth, I. B.; MUÑOZ-VARGAS, Mônica. (Orgs.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1994. p. 271-281.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria de análise útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SUÁREZ, Mireya. "A problematização das diferenças de gênero e a antropologia." In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 31-48.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 9, p. 460-482, set/dez. 2001.



### 1. Tabela dos informantes mencionados na pesquisa.

Nome:	Ocupação
Otávio	Chefe Geral
Luís	Chefe da obra pesquisada
Flávia	Chefe de engenharia do ponto comercial
Fabiana	Engenheira
Paula	Arquiteta – Fiscalizadora
Ricardo	Mestre-de-obras/Segurança do trabalho
Gustavinho	Mestre de obras
Taislan	Segurança do trabalho
Garcia	Contratante dos pedreiros locais
Alex	Chefe da Hidráulica
Jorge	Pedreiro local
Airton	Pedreiro local
Mário	Pintor
Adão	Pedreiro local
José	Pedreiro local
Bira	Pedreiro não-local